

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CLAUDIA REGINA TEIXEIRA DE MORAIS**

**MULHERES NA CAPOEIRA, EM FORTALEZA, NA DÉCADA DE 1970:  
VISIBILIDADE EM DESTAQUE A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA**

**FORTALEZA**

**2022**

**CLAUDIA REGINA TEIXEIRA DE MORAIS**

**MULHERES NA CAPOEIRA, EM FORTALEZA, NA DÉCADA DE 1970:  
VISIBILIDADE EM DESTAQUE A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física, do Instituto de Educação Física e Esportes, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Eleni Henrique da Silva.

**FORTALEZA**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M825m   Morais, Claudia Regina Teixeira de.  
Mulheres na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970 : Visibilidade em destaque a partir da história de vida / Claudia Regina Teixeira de Moraes. – 2022.  
61 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva.

1. Capoeira. 2. Mulheres. 3. História de vida. I. Título.

CDD 790

---

CLAUDIA REGINA TEIXEIRA DE MORAIS

MULHERES NA CAPOEIRA, EM FORTALEZA, NA DÉCADA DE 1970: VISIBILIDADE  
EM DESTAQUE A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à aprovação junto ao Curso de Bacharelado em  
Educação Física, da Universidade Federal do Ceará.

Aprovação em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eleni Henrique da Silva (Orientadora)  
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Almeida Campos  
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Maria Fernandes Silva  
Instituto de Educação Física e Esportes - UFC

Dedico esta conquista à minha mãe e ao meu pai, Cícera Teixeira (*in memoriam*) de Morais e João Bosco Lisboa de Morais; às minhas irmãs, Hellen e Juliana; aos meus irmãos, João e José; e, especialmente, a Deus, por todas as oportunidades e pelo imenso amor.

## AGRADECIMENTOS

Primeira e prioritariamente, agradeço a Deus, por tudo feito até aqui e por tudo que há por vir.

Com muita gratidão, agradeço à minha família, por sempre estar comigo, em especial à minha mãe, dona Cícera, que cuidou sempre com muito zelo de mim e de meus irmãos, e que com muito amor sempre se esforçou pela nossa criação, junto de meu pai, sr. Bosco, que sempre lutou muito para nos criar e para que nada nos faltasse.

Minha mãe e meu pai merecem todo o respeito, de coração, por todo amor dado a mim e a meus irmãos, e por muito terem nos ensinado, educado e ajudado a caminhar em união, por sempre nos impulsionarem aos estudos e incentivarem. Por tudo, realmente serei eternamente grata a minha mãe e pai.

Infelizmente, eu a perdi em 2015, porém, gostaria muito que estivesse em vida e comigo neste momento, pois sempre vibrava com nossas conquistas e fazia questão de registrar tudo com sua câmera de fotografia. Além disso, seu maior orgulho era falar de nós. Felizmente, pai está conosco e pode contemplar as conquistas de cada filha e filho, e continua a nos aconselhar. São sempre com ele as melhores conversas, e agradeço a Deus pela vida de meu pai conosco.

Agradeço também às minhas irmãs, Helinha e Juju, e aos meus irmãos, Joazinho e Zequinha, por serem meus maiores parceiros nesta vida, desde a infância até os dias de hoje. Com eles, vivi os melhores momentos e acompanhamos sempre o crescimento uns dos outros. Viva Deus por nossa união e amor!

Sou grata às minhas cunhadas, Ivaneide e Thaís, e aos cunhados, Luiz e Thiago, pelo suporte sempre. Sou também grata pelo amor de minhas sobrinhas, Gaby, Alice e Eloah, e de meu sobrinho Asaph.

Grata ao amigo e capoeirista Murillo Sales da Silva, por nossas vivências e conversações “capoeirísticas”, que se uniu junto a minha formação na UFC, e pela parceria com o projeto *Capoeira, O Jogo da Memória em Movimento*, desde o segundo semestre de 2019.

Sou grata a todos os professores do IEFES com quem estudei e aos que conheci durante o curso na UFC, pois contribuíram imensamente com a minha formação.

Grata ao Prof. Dr. Marcos Campos, pois, ao ver uma apresentação de sua tese, fiquei encantada e desejei muito entrar na UFC, e, mais à frente, foi possível. Agradeço ainda por sua nobreza como pessoa, por me guiar no IEFES, pelo carinho e profissional que inspira.

Grata à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Maria, pelas conversas, incentivos, correções e carinho, e também pela soma da Capoeira em si, pelos ensinamentos e diálogos sobre essa prática, pelo compartilhamento de vida e trajetória, pelos olhos que brilham e falam antes que mencione alguma palavra.

Grata à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eleni, mulher forte e incansável, minha orientadora, que, além de contribuir neste trabalho, direcionando-me, deu-me força e ajudou, mesmo quando me chegava o cansaço. Ela, com suas palavras, me abraçava e era revitalizante, uma colaboração de suma importância, de aprendizado, escuta e carinho. Enchem-me me o peito a satisfação e o orgulho de ser orientanda sua.

Grata aos colaboradores desta pesquisa, que contribuíram na busca do grupo seletivo da pesquisa, como o Sr. Luciano Negão, que se mostrou receptivo quando entrei em contato, em busca de informações, e acompanhou diversas fases desta pesquisa, ajudando-me muito com diálogos e me incentivando no trajeto. Ele organizou uma palestra na UECE e fez questão de me convidar para ser mediadora sobre a capoeira cearense.

Grata ao Mestre Dunga, pelas contribuições nas buscas do grupo pesquisado e pelo apoio à pesquisa, por ter acompanhado o processo e por toda atenção durante todos os diálogos, pela parceria em dividir o espaço televisionado para falarmos da capoeira cearense (TV Ceará).

Grata à Mestre Manô; aos Mestres Mola, Amaral, Skysito; à filha da Geralda, Delhany Maria Rosa; e à Instrutora Matraka, pelas contribuições e conversas.

Grata à Mestre Vanda, por contribuir com nomes do grupo da pesquisa.

Grata à Auxiliadora Gadelha (Dora), pela ajuda e dicas no trabalho e, ainda, por me ajudar a achar mulheres do grupo seletivo da pesquisa, além do carinho e atenção. Agradeço também pelo acompanhamento durante a pesquisa, sugestões de temas, instruções, reflexões e o amor em contribuir neste trabalho.

Grata à amável Mestre Janaina, pelo amor e disposição, contribuição e momentos de diálogos que foram importantes para esclarecimentos.

Grata ao amigo e pesquisador Mestre Olímpio, pelas sugestões de leituras e pelos diversos diálogos que clarearam os processos acadêmicos, além do carinho.

Grata ao Mestre Luiz Renato Vieira, pelas orientações sobre os capítulos do trabalho e pelas autoras capoeiristas sugeridas, o que facilitou as etapas da pesquisa. Agradeço ainda pela atenção e disponibilidade.

Grata à escritora Mônica Beltrão, pelas conversas, que sempre são de aprendizado e de muito carinho, e pelo incentivo, além de suas produções literárias sobre a capoeira.

Grata ao Prof. Dr. Carlos Eugênio Líbano Soares, pelos esclarecimentos, apontamentos e atenção.

Grata a Wagner Simão Nunes (Mestre Labareda), pela atenção, disposição, pelos diversos diálogos e por gentilmente compartilhar suas vivências a respeito da Geralda, uma das mulheres do grupo seleta desta pesquisa.

Grata ao generoso pesquisador e capoeirista Joel Alves Bezerra, pelos dias e horas de diálogos, contribuições e reflexões essenciais.

Grata ao Badu, responsável pela portaria no IEFES, por sempre me proporcionar mensagens de incentivo; ao senhor da manutenção, o Ribamar, pelo suporte também nos estudos no IEFES.

Toda gratidão a todas as mulheres colaboradoras desta pesquisa, e, ainda, por terem desbravado os caminhos da capoeira em Fortaleza, ainda na década de 1970.

Enfim, agradeço a todas e todos que contribuíram de alguma forma com este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho investiga as histórias de mulheres que se inseriram na prática da capoeira durante períodos da década de 1970. A escolha por essa década se fez em virtude da escassez de informações sobre as mulheres na capoeira em Fortaleza e pela falta de diálogos referentes aos nomes femininos relacionados a essa prática nesse período, na capital cearense. Tem como principal objetivo conhecer as histórias de vida e a inserção das mulheres na capoeira, na década de 1970 em Fortaleza, com o intuito de promover a devida visibilidade que essas mulheres merecem no contexto histórico do desenvolvimento da capoeira em nossa capital. A abordagem metodológica da pesquisa foi de cunho qualitativo, do tipo pesquisa narrativa, com foco na história de vida e história oral. As interlocutoras desta pesquisa foram mulheres que se inseriram na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970. Foram encontradas 10 mulheres capoeiristas, cujas histórias supriram uma lacuna e trouxeram o resgate do conhecimento enraizado de acordo com o tempo, quando cada mulher era inserida na capoeira, criava vínculos e ia avançando. Assim, entende-se que essas mulheres resistiram e cresceram enquanto capoeiristas, aspecto que regou suas trajetórias nessa prática em Fortaleza, ramificando-se, fortalecendo-se e gerando frutos, de modo que, por meio deste estudo, essas 10 mulheres agora deixam registrados seus nomes na história da capoeira em Fortaleza, no estado do Ceará.

**Palavras-chave:** Capoeira. Mulheres. História de vida.

## ABSTRACT

This work investigates the stories of women who entered the practice of capoeira during periods of the 1970s. The choice for this decade was made due to the scarcity of information about women in capoeira in Fortaleza and the lack of dialogues regarding female names related to this practice in that period, in the capital of Ceará. Its main objective is to know the life stories and the insertion of women in capoeira, in the 1970s in Fortaleza, in order to promote the due visibility that these women deserve in the historical context of the development of capoeira in our capital. The methodological approach of the research was of a qualitative nature, of the narrative research type, focusing on life history and oral history. The interlocutors of this research were women who entered capoeira, in Fortaleza, in the 1970s. Ten female capoeira practitioners participated, whose stories filled a gap and brought the rescue of rooted knowledge according to time, when each woman was inserted in capoeira, created bonds and moved forward. Thus, it is understood that these women resisted and grew as “capoeiristas”, an aspect that watered their trajectories in this practice in Fortaleza, branching out, strengthening and generating fruits, so that, through this study, these 10 women now record their names in the history of capoeira in the capital of Ceará.

**Keywords:** Capoeira. Women. Life’s history.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	16
<b>2.1 Objetivo geral</b> .....	16
<b>2.2 Objetivos específicos</b> .....	16
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	17
<b>3.1 Imposições ao corpo feminino</b> .....	17
<b>3.2 Lutas e resistências de mulheres contra opressões escravocratas</b> .....	18
<b>3.3 Recorte da presença feminina na capoeiragem, século XIX</b> .....	20
<b>3.4 Mulheres na capoeira, do século XX à década de 1970</b> .....	21
<b>3.5 Retrato das mulheres na capoeira em Fortaleza</b> .....	22
<b>3.6 Protagonismo feminino na capoeira: coletivos de mulheres capoeiristas</b> .....	25
<b>3.7 Mulheres na capoeira na década de 1970, em Fortaleza</b> .....	25
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	27
<b>4.1 Tipo de pesquisa</b> .....	27
<b>4.2 Dinâmica metodológica da pesquisa</b> .....	28
<b>4.2.1 O cenário da pesquisa</b> .....	29
<b>4.2.2 A constituição do grupo a ser pesquisado e os instrumentos de pesquisa utilizados</b> .....	29
<b>4.2.3 As colaboradoras da pesquisa</b> .....	31
<b>4.3 Análise dos dados</b> .....	32
<b>4.4 Aspectos éticos</b> .....	33
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	34
<b>5.1 A inserção na capoeira</b> .....	35
<b>5.2 A trajetória das interlocutoras na capoeira</b> .....	36
<b>5.2.1 Maria das Graças Gadelha da Cruz (Graça)</b> .....	37
<b>5.2.2 Rita de Cássia Távora Freire (Ritinha)</b> .....	38
<b>5.2.3 Maria Heliane Santos Lopes (Negona)</b> .....	38
<b>5.2.4 Claudia Leandro de Souza (Kakau)</b> .....	39
<b>5.2.5 Celene Padilha Caetano Gomes (Leninha)</b> .....	41
<b>5.2.6 Lúcia Vanda Rodrigues Dias (Mestra Vanda)</b> .....	43
<b>5.2.7 Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz (Dora)</b> .....	44

<i>5.2.8 Maria Paz Gadelha Cruz (Paizinha)</i> .....	45
<i>5.2.9 Maria do Socorro Moreira (Dona Flor)</i> .....	47
<i>5.2.10 Geralda Maria Rosa (in memorian)</i> .....	48
<b>5.3 Desdobramentos a partir da inserção na capoeira: as problemáticas do machismo e do preconceito</b> .....	49
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

O jornal cearense *A Constituição* (1888, p. 02) traz, em seus registros, que “a Capoeiragem foi transportada para o Brasil, provavelmente, por certas tribus d’Africa, e relembra, por muitos lados, o Amokrennen muito em uso entre os Malaaios, no Archipelago das Indias Orientais”. Nesse sentido, Rego afirma (1968) que a capoeira foi inventada no Brasil por africanos, revelando ainda a colheita de diversos documentos escritos e a convivência com antigos capoeiristas de sua época.

Assim, a soma de identidades diversificadas de etnias originárias da África, resultando na experiência sociocultural manifestada, no Brasil, por meio de africanos e sua descendência nessas terras, chama-se capoeira (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Mediante essas colocações, consideramos que a capoeira foi criada no Brasil, com a chegada de africanas e africanos a essas terras. Da resistência, luta pela sobrevivência e do escape do sofrimento, nasceram movimentos de lutas contra um sistema escravista e em favor da própria vida dessas pessoas que foram escravizadas de forma brutal e desumana. É também a essa luta que damos o nome de capoeira.

Em todas as suas versões, seja ela luta, folguedo, dança, folclore, esporte, espetáculo, filosofia de vida e estudos, a capoeira continua sendo ela mesma, descolando-se do tempo e se mantendo presente de formas diversas.

Nesse sentido, trazendo o tema “Mulheres na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970: visibilidade em destaque a partir da história de vida”, este trabalho busca investigar e conhecer mulheres que se inseriram na Capoeira durante períodos da década de 1970.

A escolha pela década de 1970 se fez em virtude da escassez de informações sobre as mulheres na capoeira em Fortaleza, e pela falta de diálogo referente aos nomes femininos relacionados a essa prática naquele período, em nossa cidade.

Ainda não há trabalhos publicados sobre a história das mulheres na capoeira em Fortaleza e no Ceará; entretanto, temos o conhecimento de 14 mestras na capoeira do Ceará, 11 delas vivendo em Fortaleza, 2 em Maracanaú e 1 na Caucaia. Esses 2 municípios são vizinhos a Fortaleza, situados na área metropolitana da capital. Dessas 14 mestras cearenses, todas iniciaram a prática da capoeira em meados da década de 1980 e 1990, exceto Mestre Vanda, que é a única mulher Mestre de capoeira do Ceará que se inseriu na prática ainda na década de 1970.

Ainda que tenhamos poucas informações sobre a prática feminina da capoeira em Fortaleza, temos a presença das Mestras em nossas vivências e fortalecendo o movimento capoeirístico na cidade. Além disso, temos outras mulheres que praticaram capoeira entre 1980 e 1990 em Fortaleza e que já não estão mais presentes nos ambientes capoeirísticos; contudo, existiram e têm sua importância em nossa história.

Sobretudo, partiu-se do seguinte questionamento: quem eram as mulheres que vieram antes daquelas de que temos notícias? Pelo menos oralmente e pelas vivências no meio capoeirístico na cidade de Fortaleza, sabíamos que tinha havido mulheres praticando a capoeira em 1980 e em 1990. Porém, quando se pensava na década de 1970, havia uma total falta de memória em relatar os nomes das mulheres.

Da inquietação por tanta invisibilidade, nasceu o impulsionamento de ir em busca e falar dessas mulheres da década de 1970. Mesmo com escassas informações, fez-se necessário buscar e resgatar as histórias dessas mulheres que estariam propícias ao esquecimento, se não houvesse uma determinação e investigação que as trouxessem à tona, dando a devida visibilidade que merecem. Dessa forma, evita-se a invisibilidade, fato que traria o não conhecimento de parte de nossas raízes na capoeira em Fortaleza, a partir da história de vida dessas mulheres.

Nota-se a ausência de publicações sobre a história de mulheres na capoeira fortalezense. Para este estudo, realizou-se uma pesquisa nas revistas brasileiras de Educação Física, a partir de publicações nos últimos 6 anos, e nada foi encontrado sobre mulheres na capoeira, quiçá sobre um específico tema em uma determinada cidade brasileira, como no caso deste trabalho, cujo campo é Fortaleza.

Conheci a capoeira aos 12 anos de idade, em 1997, quando uma amiga do bairro (Jangurussu), Régia Suely Uchôa C. Farias, chamou a turma toda das meninas (as que sempre andavam juntas) para ir treinar capoeira, na Escola Pública Paulo Benevides, na Messejana. Ela era a mais velha e assim nos levava e nos trazia. Então, éramos as seguintes meninas: eu, minha irmã (Hellen), Nívea, Josy, Mara, Cizinha, e, claro, a Régia. Quem dava as aulas de capoeira eram dois rapazes, o Luciano e o Alex, no Grupo Zumbi de Capoeira, e foi com eles que aprendi os primeiros passos da capoeira.

Desde 2001, faço parte do Grupo de Capoeira Cordão de Ouro, no qual sou instrutora, interligada à Mestre Paulinha Zumba. Desenvolvo um trabalho com capoeira em minha comunidade, em um projeto chamado “Cultura Itinerante Cearense Cícera Teixeira”, em homenagem à minha Mãe.

No ano de 2007, comecei a ensinar capoeira na Escola Pública Telina Barbosa, na Messejana, e, em 2008, no Instituto Multicultura do Ceará. De 2010 a 2016, trabalhei em turnês com a dança e capoeira, em grupos de shows brasileiros pela Europa e Ásia. Em janeiro de 2018, estive na França, onde ministrei aulas de capoeira e danças.

No segundo semestre de 2009, eu havia entrado no curso de Educação Física na Fametro. Terminei o primeiro semestre e tranquei, para seguir com os trabalhos internacionais. Com bolsa de estudos pelo handebol, através do Prof. Fabiano, retornei aos estudos, dessa vez na Faculdade Ateneu. Fui secretária da Federação de Handebol do Estado do Ceará, de 2017 a 2019, experiência pela qual eu sou grata ao professor Fabiano Lima Cavalcante, pela confiança. No segundo semestre de 2019, fui para a UFC, onde ocorreu a realização de um sonho de infância: estudar na Universidade Federal do Ceará.

De 2017 até hoje, participo da organização de eventos de capoeira e balé, especialmente na Escola de Ballet Juliana Teixeira

Sou idealizadora do Projeto Interação e Imersão em Capoeira em Novo Formato. De 2020 a 2022, fui contemplada com projetos de capoeira em editais culturais de fomento, pela Secretária de Cultura do estado do Ceará e do município de Fortaleza. Fui premiada no II Edital de Expressões Culturais Afrobrasileiras do Ceará, por ações desenvolvidas no âmbito cultural.

Após esse breve relato que demarca minha relação com a temática proposta neste estudo, apresento, agora, com base no contexto mencionado anteriormente, a seguinte problemática da pesquisa: quais as mulheres que se inseriram na prática da capoeira, na cidade de Fortaleza, na década de 1970? Como se deu a inserção dessas mulheres na capoeira naquele período? O que a história de vida dessas mulheres capoeiristas revela com relação a essa prática corporal? Quais as dificuldades, problemáticas e os preconceitos que as mulheres praticantes de capoeira sofriam em virtude da sua inserção na prática da capoeira?

Assim sendo, o presente estudo tem como principal objetivo conhecer a história de vida e a inserção das mulheres na capoeira, na década de 1970, em Fortaleza, com o intuito de promover a devida visibilidade que essas mulheres merecem no contexto histórico do desenvolvimento da capoeira em nossa capital. Temos ainda como objetivos específicos: I) identificar mulheres que praticaram capoeira na década de 1970, em Fortaleza; II) verificar como era a prática da capoeira para elas naquele período; e III) analisar questões sociais contextualizadas da época em que viviam a capoeira na capital cearense.

A relevância desta pesquisa se insere no contexto da contribuição para deixar registrado que tivemos mulheres praticando capoeira em Fortaleza, em determinados anos da década de

1970. Outro aspecto é o ineditismo do presente estudo, ao trazer à tona histórias de vidas de mulheres que se inseriram na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970.

Sobre isso, manifestam-se muitas indagações, as quais causaram inquietações que resultaram nesta pesquisa. Alguns questionamentos surgidos: quem foram as mulheres que praticaram capoeira, em Fortaleza, em meados de 1970? Onde estão elas? Por que não há relatos de vida delas publicados?

Histórias incompletas não podem ser consideradas únicas; se são incompletas, o que faltaria? Por muito tempo, vimos e ainda vemos, por alguns, a história da capoeira sendo relatada e divulgada sem menção às mulheres ou com poucas exceções. Isso deixa dúvidas claras nas contações. Sendo a capoeira um movimento sociocultural de lutas contra opressões, estavam juntos nessa empreitada mulheres e homens. Então, por que, supostamente, dessa vez elas não estão mais presentes na Capoeira?

No momento de registrar fatos e ocorridos, inviabilizaram o feminino, mesmo havendo, em nossa história, mulheres líderes em diversas manifestações e com importante atuação nessa luta. “A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade” (ADICHIE, 2019, on-line). É nesse viés que buscamos investigar esse vazio aqui deixado, em busca da tentativa de completá-lo, sobretudo buscando as diversas versões de histórias de mulheres em Fortaleza, no estado do Ceará, onde essa pesquisa irá se desenrolar.

Algumas hipóteses se levantam, a saber: a razão da invisibilidade seria o sistema social em que viveram/vivem essas mulheres? Seria o machismo? Mulher treinando capoeira? Durante os estudos, iremos traçar as trajetórias das respectivas mulheres que tiveram seu envolvimento com a capoeira no período determinado de investigações em Fortaleza, observando esses questionamentos.

Este estudo proporcionará uma base para futuras pesquisas acadêmicas referentes a mulheres nesse período de 1970 a 1979, no município de Fortaleza. Além disso, o trabalho é um material que vem para salvaguardar a presença feminina na capoeira do município. Foram utilizadas, na metodologia, pesquisas bibliográficas, revistas eletrônicas do período de 1975 a 1979, e entrevistas em formato on-line.

Assim, o presente trabalho conta com três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No capítulo 2, apresentamos os objetivos do estudo. Em seguida, no capítulo 3, apresentamos o referencial teórico, que trata do tema das mulheres na capoeira a partir de uma perspectiva histórica. São abordados os temas: imposições ao corpo feminino; lutas e resistências de mulheres contra opressões escravocratas; recorte da presença feminina

na capoeiragem, no século XIX; mulheres na capoeira, do século XX à década de 1970; recorte sobre as mulheres na capoeira em Fortaleza; protagonismo feminino na capoeira: coletivos de mulheres capoeiristas; e mulheres na capoeira na década de 1970 em Fortaleza.

No quarto capítulo, apresentamos o percurso metodológico que percorremos durante a pesquisa, classificando-a como qualitativa, sob a perspectiva da pesquisa narrativa, com foco na história de vida. Descrevemos também o cenário da pesquisa, as colaboradoras, as etapas, os instrumentos para coleta e análise de dados e os aspectos éticos da pesquisa.

No quinto capítulo, apresentamos a discussão e análise dos resultados da pesquisa. E, por fim, nas considerações finais, apontamos algumas conclusões que foram possíveis com a realização deste estudo.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Conhecer os aspectos que provocaram a invisibilidade e exclusão da presença das mulheres na capoeira, em Fortaleza, no Ceará, na década de 1970.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Identificar mulheres que praticaram capoeira na década de 1970, em Fortaleza;
- Compreender, na história de vida das mulheres praticantes de capoeira da década de 1970, sua trajetória de inserção e vivência na prática da capoeira;
- Identificar as dificuldades, problemáticas e os preconceitos que as mulheres praticantes de capoeira sofriam em virtude da sua inserção na prática da capoeira.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

A proposta deste capítulo é apresentar as principais referências teóricas que irão nortear este estudo, com o intuito de ampliar a leitura e os diferentes campos de estudo que dizem respeito à inserção das mulheres na capoeira. O estudo tem a sua especificidade de análise voltada à entrada das mulheres na capoeira durante a década de 1970, em Fortaleza. No entanto, a abordagem dos referenciais teóricos nos ajudará a mapear e a compreender melhor essa problemática, sob a ótica dos estudos de diferentes autores e suas referências.

Assim, o capítulo encontra-se organizado em alguns tópicos que irão priorizar o recorte do tema das mulheres na capoeira, a partir de uma perspectiva histórica. Iremos abordar os temas: imposições ao corpo feminino; lutas e resistências de mulheres contra opressões escravocratas; recorte da presença feminina na capoeiragem, século XIX; mulheres na capoeira no século XX até a década de 1970; recorte sobre as mulheres na capoeira em Fortaleza; protagonismo feminino na capoeira: coletivos de mulheres capoeiristas; mulheres na capoeira na década de 1970 em Fortaleza.

#### **3.1 Imposições ao corpo feminino**

Segundo a autora Carmen Soares (2017), na segunda década do século XIX, muitos preconceitos cercavam a Educação Física. Mesmo com argumentos de médicos, a prática era considerada uma imoralidade, especificamente para as mulheres. Contudo, outros defendiam a prática da Educação Física para o público feminino, com motivações de que o corpo das mulheres deveria ser fortalecido por uma ginástica determinada para elas, tendo em vista que os “filhos da pátria” seriam gerados pelas mulheres. Ainda outro pensamento que cercava alguns homens, nesse período, seria o de cultivar as formas do corpo feminino para possíveis gestações. Contudo, Fernando de Azevedo trouxe a sugestão de criar sociedades de educação física para moças, nos formatos existentes na época, como no caso dos Estados Unidos, onde esse tipo de prática já era desenvolvido há tempos (*ibidem*).

Nesse período, notava-se o descaso relacionado às mulheres. Na verdade, via-se uma preocupação com os corpos femininos, tanto de forma positiva quanto negativa, sob os olhares masculinos, sendo determinado por estes o que deviam fazer as mulheres. Além disso, percebe-se que havia exclusão feminina pela parte masculina da sociedade brasileira, pois a preocupação

permeava apenas a gestação, de modo que a prática da educação física com outros objetivos era considerada uma imoralidade para as mulheres.

Fernando de Azevedo, seguindo os escritos de Rui Barbosa, assegurava que a figura da mulher estava voltada ao ato de se tornar mãe, e, dentre as atividades sugeridas para elas, estavam os esportes, porém, os menos agressivos, devido à preocupação com a futura maternidade (CASTELLANI FILHO, 1988).

Adicionalmente, se o corpo feminino era tido como inspiração para “poesias e pinturas” e visto como frágil, houve muitas mulheres que se mostraram fortes e eram participantes de movimentos sociais, como, por exemplo, fazendo parte da construção histórica da capoeira (BELTRÃO, 2021).

Assim, dentre os esportes indicados, os menos agressivos eram recomendados para as mulheres, mas tivemos muitas mulheres que, no século XIX, lutavam, batiam e até assassinavam os que combatiam com elas.

Dentre os fatos legislativos da época, houve o Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que estabelecia normas esportivas em todo solo brasileiro, assinado pelo Presidente da República, na época, Getúlio Vargas. A lei decretava, em seu artigo de número 54, a proibição das mulheres em práticas desportivas que não fossem compatíveis com sua natureza feminina, ficando responsáveis pelas instruções as “entidades desportivas do país” e o “Conselho Nacional de Desportos (BRASIL, 1941).

Dessa forma, observa-se que, em meados do século XIX e início do século XX, as possibilidades sociais referentes às mulheres eram nitidamente de negação ao ser feminino.

### **3.2 Lutas e resistências de mulheres contra opressões escravocratas**

Segundo Oliveira e Leal (2009), a capoeira foi um movimento de resistência contra a escravatura. Nesse aspecto, eram escravizados homens, mulheres e crianças, e, sabendo desse fato, por que, por muito tempo, foi apagada a presença feminina na capoeira? A reflexão recai sobre a ideia de que as mulheres supostamente aceitaram a escravização.

Reflitamos: as mulheres, na verdade, lutaram e tentaram a sobrevivência. As condições escravagistas não foram aplicadas apenas aos homens, mas também a mulheres e crianças. Todos lutaram contra essa opressão, logo, não se pode negar a presença das mulheres no âmbito de lutas sociais contra a escravização, a capoeira entre elas, com notável significância.

Valdenice José (2018) afirma que as mulheres negras lutaram a favor da dignidade humana, que não abaixaram a cabeça, e, ainda, com trabalhos forçados, reagiam às opressões de condições escravagistas.

Contudo, a história nos conta a respeito de uma mulher escravizada que denunciou, através de sua escrita, como ela, filhos e companheiras eram tratadas. Em 1779, o historiador Luiz Mott documentou a carta de Esperança Garcia, registrada no dia 06 de setembro de 1770. Esperança Garcia foi uma mulher escravizada na Província do Piauí, e escreveu essa carta ao governador, denunciando os maus tratos e expressando que queria estar junto aos filhos e marido. A carta é um dos documentos escritos mais antigos referentes à escravização no Brasil (SOUZA, 2015). Além disso, foi uma manifestação de coragem e enfrentamento de Esperança Garcia, que se propôs a lutar com as armas que tinha; ela havia aprendido a ler e a escrever, e isso serviu ao seu favor. Portanto, o ato de saber ler e escrever, dentre o povo escravizado, tornou-se uma forma de lutar e resistir contra os regimes opressores (PERES, 2020).

Outro importante nome é Aqualtune Ezgondidu Mahamud, princesa do reino de Congo, que viveu entre os séculos XVI e XVII, e liderou diversas batalhas. Jarid Arraes (2020) nos conta que, em 1665, 10 mil homens estiveram sob seu comando. Aqualtune foi uma mulher politizada e tinha experiências estratégicas em guerras. Foi arrancada da África e trazida ao Brasil, vindo a viver no estado de Alagoas, precisamente em Porto Calvo, como escravizada reprodutora. Aqualtune, juntamente com outros/a escravizados/a, cerca de 200 pessoas, fugiram para o quilombo localizado na Serra da Barriga.

Sendo reconhecida por sua liderança e como princesa, comandou vários mocambos e o quilombo onde se instalou foi batizado com o nome dela. Mais tarde, ela mesma renomeou o quilombo, chamando-o de Quilombo dos Palmares, nome que permanece até hoje.

No quilombo de Palmares, Aqualtune gerou 3 filhos, a saber: Ganga Zumba, seu filho mais velho; Ganga Zona, o segundo filho; e, logo após, a terceira filha, Sabina, que gerou Zumbi (CARDOSO *et al.*, 2021).

Outra importante mulher quilombola foi Acotirene, uma guerreira presente nas batalhas do Quilombo. Ela foi uma grande estrategista, sempre procurada quando o assunto era política militar. Também era requisitada para resolver problemas de famílias, sendo ela uma matriarca do Quilombo dos Palmares, e estava dentre as primeiras mulheres que habitaram o território quilombola situado no estado de Alagoas, precisamente na Serra da Barriga (JOMALINIS, 2015).

Ainda em se tratando das mulheres no Quilombo dos Palmares, temos Dandara. Para alguns autores, ela é retratada como mito e, por outros, como uma figura histórica, como tantas outras, vítima do machismo e do esquecimento. Dandara, uma mulher liderança no Quilombo dos Palmares, era engajada nas construções de estratégias de combate e estava presente nas batalhas, sendo uma potencial guerreira, com conhecimentos de técnicas de diversas lutas. Dandara foi a primeira e única esposa de Zumbi, tendo com ele três filhos, de nomes: Motumbo, Harmódio e Aristogíton (CAETANO; CASTRO, 2020).

### **3.3 Recorte da presença feminina na capoeiragem, século XIX**

Juliana Foltran (2019), em sua tese, alega que a fala sobre “ausência de mulheres” na capoeira já não é mais aceitável e não se sustenta, pois, nos últimos anos, as próprias mulheres produziram muitos trabalhos, resultados de pesquisas relacionadas à sua presença nessa prática. Com isso, os resultados apresentam a presença marcante feminina desde a luta contra opressões do branco, até o exímio momento desta pesquisa.

No Rio de Janeiro, durante o século XIX, ainda na segunda década, tem-se a primeira evidência da existência de uma mulher capoeirista como sujeita ativa. “Na Relação de presos feita pela polícia – volume II, 1817-1819, do Códice 403: ‘Joaquina Angola de João dos Fatos, por estar com um estoque na mão, jogando capoeira, e jogou fora quando foi presa. 300 açoites se tanto puder levar’” (LUSSAC, 2013, p. 155).

Em meados do século XIX, por volta de 1823, aconteciam na Bahia lutas pela independência. Sobre esse período, Maria Felipa de Oliveira, natural da ilha de Itaparica, juntou-se a outras mulheres e elas enfrentaram as tropas de portugueses de Madeira de Mello. A partir desse momento, o nome de Maria Felipa chegou a muitos ouvidos, e, conforme conta a história oral, ela foi a “primeira mulher capoeira” de que se tem registro na Bahia (DIAS, 2018).

Contudo, para o dia 12 de outubro 1869, há registros, no jornal O Cearense, de que Maria Firmina do Espírito Santo, também chamada de Maria Mussú, com gestos de capoeiragem<sup>1</sup>, matou a canivete um homem chamado José Capoeira. O jornal sugeriu que a “fera” fosse punida, pois José “morreu como uma galinha”. José Capoeira tinha acabado de

---

<sup>1</sup> Capoeiragem - Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal (BRASIL, 1941).

chegar do Paraguai, onde sobrevivera a balas dos inimigos. Os dois eram amasiados, mas ela sentiu que ele estava se afastando dela, então traçou um plano e, quando José Capoeira voltava do cemitério, Maria Mussú lhe encravou um canivete embaixo do peito esquerdo (JORNAL O CEARENSE, 1869, p. 3).

O Ceará é um território amplo a ser explorado por pesquisas, como nos fala a autora Mônica Beltrão (2020), em sua obra, referindo-se aos atos de capoeiragem no estado, em maior parte no século XIX.

Já em Belém do Pará, no dia 21 de novembro de 1876, foi noticiada, no jornal A Constituição, uma mulher chamada Jerônima, sob domínios de escravidão de Caetano Antônio de Lemos, seu dono. Ela é citada no periódico da seguinte forma: “Que mulher capoeira!” (LEAL; OLIVEIRA, 2009, p.149). De acordo com Margarete (2021), o registro mais antigo em Belém do Pará por “prisão de uma mulher capoeira” é o de Jerônima.

### **3.4 Mulheres na capoeira, do século XX à década de 1970**

No começo do século XX, indícios de mulheres protagonizando violência nas ruas eram popularmente conhecidos, noticiados em vários jornais da época. O movimento de mulheres capoeiristas na rua era comum naquele período (ALBUQUERQUE, 2016).

Em memórias do período da capoeiragem, nas décadas de 1920 e 1930, Mestre Atenilo relembra Salomé, uma mulher jogadora de capoeira e cantadora no samba, valente e técnica, pois, conforme ele afirma, quem encostasse nela era logo atirado ao chão, por meio de rasteiras. No batuque, derrubava muitos, várias vezes, de modo que o mestre salienta e enfatiza a valentia de Salomé (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Juliana Foltran (2017), em sua pesquisa, nos apresenta registros fotográficos com importantes dados, nos quais aparecem 2 mulheres jogando capoeira na presença de mestre Pastinha, ainda na década de 1960. Elas são: Helena Santos e Luisa Sampaio.

Em conversa com Foltran, Luisa conta que elas se interessaram pelo treinamento de capoeira. Emília Biancardi, sabendo disso, articulou junto com Mestre Pastinha para que este as ensinasse. Assim, ele recebeu pelo trabalho e começaram os treinos no quintal da casa da mãe de Emília, dona Margarida, em 1962, prosseguindo até 1963. Antes desse início, contudo, elas já sabiam tocar e cantar (FOLTRAN, 2017).

Figura 1 - Helena Santos, Luisa Sampaio e Mestre Pastinha



*Acervo Emilia Biancardi. Centro Cultural Solar Ferrão. (1963)*

Em 1962, foi fundada a Academia Baiana de Capoeira Angola, destacando-se não apenas pela excelência dos praticantes e habilidade excepcional dos tocadores de berimbaus, mas, especialmente, por ter sido o diferencial dentre outras academias existentes na Bahia, com o ensino da capoeira às mulheres, ministrado por José Gabriel Goes, o mestre Gato (REGO, 1968).

A década de 1970 foi marcada pela efetivação das mulheres na capoeira em diferentes estados brasileiros. No entanto, antes mesmo desse período, já havia a presença de mulheres na capoeira, de formas direta e indireta. Mulheres e homens tinham participação conjunta no movimento da capoeira, e uma das ações consistia em esconder, em seus cabelos, as navalhas dos valentões. Era um formato indireto de as mulheres estarem inseridas nos movimentos capoeirísticos (ALBUQUERQUE, 2016).

### **3.5 Retrato das mulheres na capoeira em Fortaleza**

Nos anos de 1970, houve um número crescente de mulheres praticando capoeira, e a cidade de Fortaleza acompanhou esse fato (ALBUQUERQUE, 2016).

A capoeira não era mais tida como crime nesse período, pois já era praticada em academias e escolas de capoeira, além de estar disseminada em diversos estados brasileiros. Porém, vale lembrar que a ditadura militar se contextualizava nesse período, e que a censura para as mulheres levou a momentos difíceis, embora tenha havido aquelas que desobedeceram ousadamente, no Ceará. Houve jovens meninas se manifestando, ao seu modo, contra

discriminações, desafiando comportamentos da época, como veremos no decorrer deste trabalho, com a presença das mulheres capoeiristas da década de 1970, em Fortaleza.

No Ceará, justo na década de 1970, houve os primeiros registros de que se tem notícia a respeito da prática da capoeira. Essa capoeira já não era mais criminalizada, porém, a prática em si, sem ser sistematizada e praticada em locais formais, vem muito antes da década de 1970, mas provém de séculos anteriores.

Ainda no Ceará, na década de 1970, a capoeira foi praticada de diferentes formas, sendo ensinada informalmente, praticada como lazer, recreação, ensinada e aprendida com amigos nas ruas, praias, em reuniões na casa de amigos, praticada por adolescentes, jovens, meninos e meninas, homens e mulheres (SALES NETO, 2021).

Entre 1972 a 1974, José Renato de Vasconcelos Carvalho (mestre Zé Renato, *in memoriam*), à época professor de artes e capoeira, iniciou o ensino da capoeira na cidade de Fortaleza, em instituições formais de ensino, na seguinte sequência: Colégio Oliveira Paiva, Colégio Castelo Branco e, logo após, Centro Social Urbano Presidente Médici - CSU. Eram turmas de pré-adolescentes, adolescentes e jovens (HOLANDA *apud* SILVA *et al.*, 2014; FERREIRA NETO, 2014). A capoeira, no entanto, já acontecia em espaços formais e já havia a formação do grupo Xangô, entre 1974 e 1975, criado por mestre Zé Renato (SILVA *et al.*, 2014).

Contudo, o primeiro grupo de capoeira só foi formalmente registrado em 1982, quando Reginaldo da Silveira Costa (no tempo, contramestre Skysito) criou a Associação Terreiro Capoeira, no dia 05 de março de 1982 (COSTA, 2020).

Já nesse período, supõe-se que o público feminino era participante da prática da Capoeira, pois, especialmente no CSU Presidente Médici, além da capoeira, existia um grupo folclórico, e havia forte parceria entre eles, com adolescentes que participavam de ambas as atividades e, nesse período, a capoeira era folclorizada, assim vista por muitos.

Em meados de 1979, Eveline, professora de Educação Física, tendo espaço livre em sua casa, juntou-se com amigas para praticar capoeira. Elas então contrataram José Ivan de Araújo, no tempo professor de capoeira (hoje, mestre Zé Ivan). Esse era discípulo do mestre Zé Renato e, para facilitar o aprendizado da capoeira, ensinava o total de 16 moças (SILVA *et al.*, 2014).

Em um futuro não muito distante, a capoeira ganharia um formato sistematizado de cordas, em Fortaleza, sendo trazido por Reginaldo da Silveira Costa, em 1979, no tempo contramestre Skysito (COSTA, 2020).

Ainda em 1979, aparecem as primeiras mulheres batizadas na capoeira em Fortaleza. Após esse ano, outros batizados e troca de cordas foram ocorrendo, e as meninas/mulheres continuaram avançando, com as veteranas trocando de graduações e outras novas que iam chegando e sendo batizadas.

Claudinha, Leninha e Julita fizeram parte das primeiras meninas que praticaram capoeira com a turma de Paulo Sales Neto (hoje, mestre Paulão Ceará). Segundo Sales Neto (2021), Claudinha e Julita treinaram por volta de 4 a 5 anos e foram graduadas. Entretanto, a Claudinha já jogava capoeira antes de chegar ao CTCFAF, tendo suas experiências com a capoeira por volta de 1975 a 1976, como veremos mais à frente, no decorrer deste trabalho.

Com a chegada da década de 1980, o número de mulheres praticando capoeira no Ceará aumentou, e, em 1990, houve avanços das mulheres na prática, tendo, entre essas décadas, meninas participado de campeonatos e trazendo medalhas para Fortaleza. Ainda na década de 1980, a inserção na capoeira de mulheres que resistiram nesse meio alcançou ainda a sua maestria, entre elas, o exemplo de algumas que foram para o exterior e desenvolveram trabalhos com a capoeira na Europa.

Ainda, houve 1 praticante de Fortaleza que migrou para Pernambuco (Mestra Selva), inserida na capoeira em 20 de outubro de 1990, formada em maio de 2018. E há 14 que vivem no Ceará, sendo 11 delas em Fortaleza, 2 em Maracanaú (Mestra Felina, inserida na capoeira em 1988 e formada 2015; e Mestra Índia, inserida na capoeira em 1994, formada em 27 de agosto de 2022) e 1 em Caucaia (Mestra Doralice, inserida na capoeira em 1996 e formada em 2012). Esses 2 municípios citados se situam na região metropolitana de Fortaleza.

Na capital cearense, temos as seguintes mestras, inseridas e formadas na capoeira nos anos a seguir: Mestra Vanda (1976, formada em 2003); Mestra Carla (1984, formada em janeiro de 2009); Mestra Janaina (04 de março de 1988, formada em 28 de agosto de 2009); Mestra Gata Brava (1988, formada em 21 de agosto de 2022); Mestra Claudinha (26 de fevereiro de 1989, formada em 22 de novembro de 2019); Mestra Darlyane (abril de 1989, formada em agosto de 2018); Mestra Paulinha Zumba (15 de outubro de 1989, formada em 26 de março de 2010); Mestra Bruxinha (1989, formada em 2016); Mestra Nega (1990, formada em 2016); Mestra Flanela (1991, formada em 2015); e Mestra Roberta (novembro de 1992, formada em 22 de abril de 2017). Dentre as 14 mestras, ainda não temos alguma da capoeira angola.

No entanto, temos 2 irmãs cearenses angoleiras que têm seus trabalhos no exterior: são a Mestra Rilene e a Mestra Paulinha, que vivem em Londres, na Inglaterra.

Ainda, temos a mestra Manô, paulista e angoleira, que faz parte do Grupo Nzinga de Capoeira Angola. Chegou a Fortaleza no ano de 2019 e não está ministrando aulas de capoeira; no entanto, participa de eventos de capoeira e ministra workshops.

### **3.6 Protagonismo feminino na capoeira: coletivos de mulheres capoeiristas**

Nesses últimos anos, nota-se um debate maior, no âmbito da capoeira, a respeito das questões femininas. Com a chegada da pandemia, muitos coletivos de mulheres se voltaram para programações on-line, com efeito positivo e relevante (SHIMITT; FIGUERÔA, 2021). Inclusive, os coletivos femininos são um fator importante que vem trazendo transformações e informações no meio capoeirístico. Além disso, contribuiu muito para o acesso de diversas pessoas para quem, antes, o contato seria difícil, proporcionando, assim, um intercâmbio virtual interativo e partilhas entre capoeiristas espalhadas no Brasil e no mundo.

Por sinal, aumentou significativamente a quantidade de participantes em coletivos de mulheres capoeiristas no período pandêmico. O “Coletivo de Mulheres Capoeiristas do Rio Grande do Sul - Dona Maria, Como Vai Você?” manteve encontros virtuais e *lives*, afirmando ainda que houve uma aproximação maior entre as participantes, proporcionando o aumento de conhecimento ao grupo de mulheres (ATTI *et al.*, 2021).

O “Coletivo de Capoeiristas do Estado de São Paulo - Mulheres da Garoa” promoveu muitas *lives* e outros eventos em formato virtual, com capoeiristas de diversos estados brasileiros (CASSOTE *et al.*, 2021).

O Coletivo Integração Feminina de Capoeira do Ceará (IFCC) foi formado em 2015, contando atualmente com 80 mulheres, de principiantes a mestras. No período pandêmico, o coletivo organizou 26 ações on-line, iniciando em 17 de abril de 2020 até outubro de 2021.

Com a formação do coletivo, houve e há um maior cuidado de mulheres para mulheres, e o fortalecimento delas na capoeira do Ceará.

### **3.7 Mulheres na capoeira na década de 1970, em Fortaleza**

Assim, chegamos ao foco da pesquisa a que se propõe este trabalho. Foram encontrados 12 nomes de mulheres que praticaram capoeira no período determinado desta pesquisa, dentre as quais conseguimos contatar 9 delas. Geograficamente, elas perpassaram os bairros de Fortaleza onde havia a prática da capoeira.

Houve 5 meninas que se inseriram nas atividades que havia no Centro Social Comunitário Presidente Médici (CSU).

Em 1973, Ritinha e Graça; em 1976, Vanda e Dora, duas amigas inseparáveis; e, em 1977/1978, a Pazinha. Dentre essas, Graça, Dora e Paz foram 3 irmãs que praticaram capoeira no CSU. Ritinha e Gracinha se tornaram amigas, Dora e Vanda eram melhores amigas.

Vanda se tornou a primeira mulher a ser formada mestra de capoeira no estado do Ceará (NASCIMENTO, 2017). Enquanto isso, no bairro Varjota, uma adolescente de família cearense recém-chegada de Natal, chamada Claudia Leandro Sousa (Claudinha ou Kakau Leandro), teve seu primeiro contato com a Capoeira.

Foi por volta de 1975 a 1976, justamente na rua em que morava, vendo seus irmãos, vizinhos, colegas e, por vezes, seu pai brincando de capoeira, que ela começou a frequentar a “Roda de Capoeira do Sr. Luciano Negão”, que acontecia em formato recreativo. Não existia nada sistematizado; era diversão e encontro de amigos.

Socorro (Dona Flor) se inseriu na capoeira em 1978, no CSU. Treinou com Everaldo Monteiro de Assis (hoje, mestre Ema) e com Reginaldo (hoje mestre Skysito), e conheceu Leninha, Claudinha e Julita, alegando que Claudinha jogava muito bem.

Em 1976, temos a inserção da Celene Padilha Catano (Leninha) na envolvente ginga da capoeira, iniciando seus primeiros passos na prática dessa arte, ainda aos arredores de sua casa, à beira mar. Logo após, em 1979, ela chega ao Círculo de Trabalhadores Cristãos Autônomos de Fortaleza - CTCAF, local em que mais tarde Claudinha entraria para treinar capoeira, dessa vez de forma sistematizada. Nesse período, elas se tornam grandes amigas, permanecendo por certo período como as únicas mulheres treinando no CTCAF.

Em 1980, ocorre a chegada de Julita, e, dessa maneira, permaneceram as três meninas treinando no CTCAF, por um bom período: Leninha, Claudinha e Julita.

## 4 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos o percurso metodológico utilizado para a realização do presente estudo. Apresentamos o tipo de pesquisa realizada, o cenário da pesquisa, os colaboradores do estudo, bem como os procedimentos utilizados no decorrer da pesquisa. Indicamos, também, as formas utilizadas para analisar os dados obtidos e realizar a discussão.

### 4.1 Tipo de pesquisa

Com o objetivo de identificar mulheres que praticaram capoeira na década de 1970, para analisar como se deu a inserção delas na prática, bem como compreender as questões sociais e dificuldades encontradas para inserção nessa prática corporal, a opção foi pela abordagem metodológica da pesquisa qualitativa. Esse tipo de abordagem “tem como característica observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir com precisão a frequência em que o fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores” (MATTOS; ROSSETTO JR.; BLECHER, 2004, p. 32-33).

A abordagem qualitativa se adequa aos propósitos de nossa pesquisa, pois esse tipo de abordagem permite a apreensão da realidade, considerando os interlocutores como atores no processo de sua construção e reconhecendo como rica de significações a relação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), tal como ocorreu neste estudo, ao valorizar as falas das mulheres capoeiristas.

Nossa opção foi pela utilização da pesquisa qualitativa sob a perspectiva da abordagem metodológica experiencial, propiciando às mulheres capoeiristas um ambiente no qual se tornou possível resgatar suas histórias de vida, para apreendê-las e, a partir delas, (re)construírem suas trajetórias e, dessa forma, potencializarem a devida valorização que essas merecem na trajetória histórica da capoeira em Fortaleza.

Diante disso, foi possível resgatar e apreender as experiências e a reconstituição do cotidiano de inserção na capoeira naquele contexto inicial da prática, com a utilização da entrevista narrativa semiestruturada, tal como descrevemos de forma mais detalhada, logo adiante.

O público-alvo de nossa pesquisa foi constituído por mulheres que tiveram sua inserção na prática da capoeira na década de 1970, no município de Fortaleza. Inicialmente, fizemos uma busca dessas mulheres e, em seguida, realizamos o entrecruzamento das histórias de vidas

dessas colaboradoras para mapear os principais aspectos sociais que marcaram a prática da capoeira para as mulheres dessa época.

Assim, como nosso foco se deu sobre a trajetória da história de vida, utilizamos as contribuições da abordagem de pesquisa narrativa, por entender que atende aos propósitos desta pesquisa, a partir da coleta de histórias de vida dessas mulheres e das experiências vividas pelas mesmas, para registrar acontecimentos, fatos e experiências relevantes que marcaram a década de 1970 em Fortaleza.

Segundo Creswell (2014), a pesquisa narrativa se caracteriza por apresentar: coleta de histórias de indivíduos; histórias individuais que podem informar características das identidades dos indivíduos; reunião de dados por meio de entrevistas, como fonte principal dos dados; podem ser realizadas de forma cronológica, retratando o passado, o presente, com perspectivas para o futuro; análise de formas variadas das narrativas; apresentam pontos decisivos ou tensões específicas e estão inseridas em lugares e situações específicas. Dessa forma, a partir das características apresentadas, identificamos que essa abordagem de pesquisa atende aos propósitos de nosso estudo.

O tipo de pesquisa narrativa pelo qual fizemos opção foi a narrativa com foco na história de vida e história oral. “O objetivo da história de vida é compreender a interação entre uma mudança social, vidas e ação de indivíduos e grupos” (GILL; GOODSON, 2015, p. 215). Ainda para os autores, “o enfoque de narrativa e o de história de vida reconhecem que os significados se constroem socialmente e as ações e atividades humanas estão sujeitas a influências socioculturais, histórias e políticas” (ibidem, p. 216).

## **4.2 Dinâmica metodológica da pesquisa**

Inicialmente, para a realização da pesquisa, fizemos a busca das mulheres que praticaram capoeira na década de 1970, em Fortaleza. A princípio, só tinha conhecimento de uma delas, a mestra Vanda. Com a procura de mais, sobre as quais eu já procurava informações desde 2020 sem obter sucesso, as buscas foram continuadas e, exatamente no dia 30 de março de 2021, consegui falar com Claudia Leandro (através de Sr. Luciano Negão). Fizemos entrevistas e continuamos a busca para achar as demais protagonistas deste estudo. À medida em que eram encontradas, eram feitas as entrevistas, e, após essa etapa, foi dado o início às leituras em busca de referenciais teóricos, depois realizada a escrita e, por último, as revisões.

#### **4.2.1 O cenário da pesquisa**

As interlocutoras desta pesquisa foram mulheres que se inseriram na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970. Foram encontradas as seguintes: Lúcia Vanda Rodrigues Dias (Mestra Vanda); Claudia Leandro Sousa (Claudinha); Maria Heliane Santos Lopes (Negona); Maria do Socorro Moreira (Dona Flor); Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz (Dora); Maria das Graças Gadelha Cruz (Graça); Maria da Paz Gadelha da Cruz (Paizinha); Celene Padilha Caetano (Leninha) e Rita de Cássia Távora (Ritinha).

Tivemos notícias de que Geralda havia falecido em 2020, Julita estava com problemas de saúde e Terezinha estava vivendo em outro estado, de modo que essas mulheres não foram alcançadas.

Foram participantes da pesquisa, portanto, 10 mulheres que se inseriram na capoeira em Fortaleza, no recorte temporal determinado pelo estudo, oriundas dos bairros periféricos e boêmios.

As entrevistadas tiveram aulas iniciais nos respectivos locais dos bairros que habitavam, além de praças e praias, CTCAF e CSU. Tinham entre 12 a 17 anos de idade quando começaram a prática da Capoeira.

#### **4.2.2 A constituição do grupo a ser pesquisado e os instrumentos de pesquisa utilizados**

Nossa pesquisa ocorreu no momento da pandemia, e, devido ao vírus da Covid-19<sup>2</sup>, o consequente afastamento social foi obrigatório, na tentativa de baixar o número dos casos do vírus, que, justo naquele momento, implicavam um grande transtorno. Respeitando os aspectos em que vivíamos, todos os processos deste trabalho ocorreram a distância.

Para coletar as informações pertinentes ao presente estudo, escolhemos utilizar, como instrumento de coleta de dados, a entrevista narrativa (APÊNDICE A), por compartilharmos do entendimento de Muylaert *et al.* (2014) acerca das características das entrevistas narrativas como ferramentas que visam à profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem Histórias de Vida, tanto do entrevistado quanto as entrecruzadas no contexto da situação.

---

<sup>2</sup> A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. O primeiro caso confirmado do novo coronavírus, no Brasil, foi em 26 de fevereiro de 2020, em um homem de 62 anos, do estado de São Paulo.

Nesse tipo de entrevista, o foco não está na veracidade daquilo que é dito pelos entrevistados, mas sim no que foi lembrado por eles, no que eles escolheram falar quando nos concederam as entrevistas (DE MOURA; NACARATO, 2017).

Através da entrevista narrativa é possível constituir uma maneira específica de produção de dados, por meio da reconstrução dos acontecimentos sociais, a partir da perspectiva dos sujeitos investigados (SCHÜTZE, 2011 *apud* DE MOURA; NACARATO, 2017). As narrativas são, ainda, formas artesanais de comunicação, utilizadas pelos seres humanos para contar histórias; por elas, lembramo-nos de nossas experiências, encontrando possíveis explicações para elas (BENJAMIN, 1994 *apud* DE MOURA; NACARATO, 2017). Para esses autores, o foco das narrativas está nas experiências humanas.

Segundo Muylaert *et al.* (2014, p. 194), “há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes”. Esses mesmos autores afirmam que:

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais; tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles (*ibidem*).

O decorrer das primeiras investigações se deu via Whatsapp e plataforma Zoom. Os contatos iniciais foram através do Whatsapp, que também serviu para o envio do questionário. Dúvidas posteriores ao progresso dos estudos foram possíveis de ser tiradas presencialmente, havendo a possibilidade de encontrar as 9 mulheres pessoalmente, no ano de 2022, quando a pandemia já estava diminuindo e a retomada das atividades presenciais nos permitiu estar com as participantes.

Foram realizadas entrevistas com a utilização de um roteiro com 44 perguntas, conforme apresentado no apêndice A, organizadas em dados pessoais e o envolvimento com a capoeira. As entrevistas foram feitas individualmente, inicialmente via Whatsapp e Zoom. As entrevistas foram autorizadas para usos acadêmicos por cada participante.

Além disso, em cada entrevista, houve emoção e sentimento de gratidão, por ter tido a oportunidade de entrevistar mulheres que viveram a capoeira ainda em um período que começava a se fortalecer e ganhar adeptos em Fortaleza.

Mensurar as sensações vividas nos momentos de contatos, de entrevistas, de partilhas, de descobertas e de estudos é impossível, mas pode-se dizer que, simplesmente, o processo foi incrível. Em cada início de entrevista, ocorria um disfarçado nervosismo, mas, no final, tínhamos um belo sorriso, das mulheres que tiveram a satisfação de contar suas histórias, tristes ou alegres, dificuldades ou facilidades vivenciadas expostas em seus rostos e falas, força, ousadia e franqueza. Na volta do mundo, estiveram aqui e contaram suas histórias.

Entretanto, o processo das investigações foi árduo e houve a necessidade de persistência e espera. Isso levou um certo tempo para conseguir informações de onde e como encontrar o grupo a ser pesquisado.

Das participantes que estavam no âmbito da capoeira, na década de 1970, em Fortaleza, obtivemos facilidade no contato apenas com Mestre Vanda, por estar em nosso meio capoeirístico.

As buscas das mulheres que já não estavam na prática da capoeira não foi fácil. Em diversos momentos, entrar em contato com possíveis pessoas que pudessem passar alguma informação foi complicado. Até para dizer se havia mulheres na década de 1970, foi difícil, porque era necessário obter essas informações das pessoas mais antigas.

Dentre as atitudes, um mestre se recusou a dialogar, alegando que estava aposentado e já não estava mais na capoeira; outro disse que não havia mulheres na capoeira na década de 1970, porém, em um segundo momento, informou 2 nomes; 1 já tínhamos, e sobre a outra mulher não foram dadas mais informações.

#### ***4.2.3 As colaboradoras da pesquisa***

As colaboradoras de nossa pesquisa foram mulheres que tiveram sua inserção na capoeira na década de 1970, na cidade de Fortaleza, Ceará. No quadro abaixo, apresentamos uma descrição com os dados iniciais, como o nome, a idade, data de nascimento e a naturalidade.

**Tabela 01** - Colaboradoras da pesquisa

ORDEM	NOME	IDADE	DATA DE NASCIMENTO	NATURALIDADE
1	RITA	64	31/03/1956	FORTALEZA -CE
2	GRAÇA	63	25/06/1957	FORTALEZA-CE
3	CLAUDIA	61	17/02/1961	NATAL-RN
4	VANDA	56	16/04/1964	IRAUCUBA - CE
5	AUXIADORA	58	10/07/1962	FORTALEZA -CE
6	PAZ	56	05/12/1964	FORTALEZA -CE
7	GERALDA ( <i>in memorian</i> )	58	14/01/1962	MOSSORÓ - RN
8	SOCORRO	58	28/12/1962	FORTALEZA -CE
9	CELENE	59	11/04/1963	FORTALEZA -CE
10	HELIANE	60	09/06/1960	FORTALEZA -CE

Fonte: Elaborada pela própria autora (2022).

Tivemos, portanto, como grupo colaborador, 10 mulheres que se inseriram na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970, a saber: Rita de Cássia Távora; Heliane Lopes; Claudia Leandro; Celene Caetano; Lúcia Vanda; Auxiliadora Gadelha; Paz Gadelha; Graça Gadelha; Geralda e Socorro. Atualmente, estão na faixa etária entre 59 a 66 anos de idade, nascidas entre 1956 a 1964. 7 delas são naturais de Fortaleza, Ceará; 1 é natural de Irauçuba; e 2 naturais do estado de Rio Grande no Norte, das quais 1 é nascida em Natal e outra em Mossoró.

### 4.3 Análise dos dados

Para procedermos com a análise dos dados advindos das entrevistas narrativas realizadas no presente estudo, nosso primeiro passo foi realizar a transcrição dessas entrevistas, de modo fidedigno ao que foi falado pelas nossas interlocutoras. A análise dos dados foi realizada com base nas contribuições teórico-metodológicas de Minayo (2000). No capítulo seguinte, apresentamos de forma mais detalhada a organização dos dados para a análise, discussão e apresentação dos resultados.

No momento seguinte, devolvemos o conteúdo da entrevista transcrita para nossas colaboradoras, que foram orientadas a fazer a leitura desse conteúdo, tendo o direito de

acrescentar ou retirar o que julgassem necessário. Ao finalizar esse processo, nossas entrevistadas nos devolveram o conteúdo transcrito com os ajustes feitos por elas.

A partir de então, iniciamos a análise dos dados gerados pelas entrevistas narrativas. Utilizamos todas as informações que foram passíveis de serem analisadas, que nosso instrumento de coleta nos forneceu, por meio de um processo que envolveu a leitura e interpretação atenciosa dos dados, buscando integrá-los às fontes já existentes na Ciência e que foram selecionadas e utilizadas por nós para embasar o presente estudo.

#### **4.4 Aspectos éticos**

As interlocutoras da pesquisa foram convidadas e as que aceitaram participar da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (APÊNDICE B). Nesse documento, expusemos a temática da pesquisa, os objetivos, a metodologia utilizada e sua relevância para as áreas acadêmica e social.

Foi informado, de modo claro, às mulheres participantes, que a pesquisa não traria prejuízos à sua saúde e que suas identidades seriam colocadas neste estudo com a anuência das mesmas, para que pudessem ter a devida visibilidade que merecem. Todas as mulheres deste estudo quiseram ser identificadas.

As mulheres participantes tiveram a liberdade de solicitar, a qualquer momento, informações acerca do andamento da pesquisa ou, até mesmo, seu desligamento do processo de construção dos dados da pesquisa. Nenhuma das participantes exerceu esse direito e todas mantiveram sua participação e importante colaboração no desenvolvimento desta pesquisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise e interpretação dos resultados se deram com base nas contribuições teórico-metodológicas de Minayo (2000). Num primeiro momento, fizemos uma análise geral das entrevistas, com a elaboração de quadros (planilha) com as informações advindas das entrevistas. Em seguida, adentramos na especificidade das narrativas, quanto aos principais aspectos relacionados à História de Vida das colaboradoras da pesquisa, com relação à inserção na prática da capoeira e suas trajetórias.

No momento da pré-análise, tal como proposto por Minayo (2000), realizamos uma nova leitura das narrativas após a devolução pelas interlocutoras. Fizemos a leitura flutuante do conjunto das narrativas, procurando manter uma familiarização com os textos para registro das primeiras impressões e, ao mesmo tempo, obter a saturação dos conteúdos com vistas à busca de indicadores que orientassem a interpretação final. Procuramos seguir os critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (MINAYO, 2000), para melhor validação dos resultados.

O passo seguinte foi marcado por um estudo mais profundo do material, orientado pelos referenciais teóricos privilegiados, visando à compreensão mais segura do texto. Classificou-se o que se considerou relevante nas narrativas, bem como observaram-se as similaridades e diferenças.

Num último momento, fizemos a interpretação dos resultados, na qual submetemos o material selecionado a partir das narrativas às referências teóricas, na busca pela compreensão das questões da pesquisa e pelo atendimento dos objetivos propostos.

Para melhor apresentação dos resultados, propomos três grandes marcos de nossos achados, que ficaram assim distribuídos: 1) a compreensão da História de Vida das colaboradoras da pesquisa, identificando aspectos que constituíram a sua inserção na capoeira; 2) a trajetória delas na capoeira; e 3) os desdobramentos a partir da inserção na capoeira: problemática, machismo e preconceito

## 5.1 A inserção na capoeira

**Quadro 01** - Inserção na capoeira

NOME	BAIRRO EM QUE MORAVA	PRIMEIRA VEZ QUE VIU CAPOEIRA	INSERÇÃO NA CAPOEIRA	1° LOCAL ONDE EXPERENCIOU A CAPOEIRA
RITA	SÃO JOÃO DO TAUAPE	CSU	1973	CSU
GRAÇA	VILA UNIÃO	CSU	1973	CSU
HELIANE	PRAIA DE IRACEMA	CTCAF	1975	CTCAF
CLAUDIA	VARJOTA	RUA DE SUA CASA	1975/1976	RUA DE SUA CASA
CELENE	MUCURIPE	PRAIA	1976	ORLA DA PRAIA
VANDA	VILA UNIÃO	CLUBE VILA UNIÃO	1976	CSU
AUXIADORA	VILA UNIÃO	CSU	1976	CSU
GERALDA ( <i>in memorian</i> )	MARAVILHA	BAIRRO QUE MORAVA	1977	ESPAÇOS ABERTOS EM SEU BAIRRO
PAZ	VILA UNIÃO	CSU	1977/1978	CSU
SOCORRO	HENRIQUE JORGE	COLÉGIO JÚLIA JORGE	1978	COLÉGIO JÚLIA JORGE

Fonte: Elaborado pela própria autora (2022).

Dentre as 10 mulheres participantes da pesquisa, 4 delas moravam no bairro Vila União (3 delas permanecem no mesmo bairro); e 6 delas habitavam em 6 bairros diferentes. 4 delas viram a capoeira pela primeira vez no Centro Social Comunitário Presidente Médici – CSU; enquanto isso, 6 delas em localidades diferentes (1 na rua de casa, onde morava no período; 1 no Clube Vila União, através de apresentação promovida pelo CSU; 1 com amigos no bairro em que morava; 1 no Colégio Júlia Jorge; 1 em uma roda de capoeira, que estava ocorrendo na orla da praia; e 1 no CTCAF).

A inserção dessas mulheres na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970, se deu entre os anos de 1973 a 1979. 5 delas tiveram suas primeiras experiências com a capoeira no CSU; as outras 5 em localidades diferentes: 1 na rua de sua casa, 1 no CTCAF, 1 no Colégio Júlia Jorge, 1 na orla da praia do Mucuripe e outra em locais abertos do bairro em que morava.

Do grupo definido para a pesquisa, Lúcia Vanda (hoje Mestre Vanda) foi a primeira com quem entrei em contato direto, pois sabia que havia sido inserida na capoeira ainda na

década de 1970. Chegar até a Claudia Leandro (ou Kakau Leandro, ou Claudinha) foi o primeiro desafio a ser enfrentado. Conteí com a ajuda do Sr. Luciano Negão, para encontrá-la; quando ele a achou, foi quando senti a primeira emoção e vi que, mesmo com dificuldade, as buscas valeriam a pena. Sr. Luciano se dispôs a muitos diálogos durante fases diferentes da pesquisa e ainda ajudou na busca de outras mulheres.

Através de Mestra Vanda, foi possível ter notícias de Auxiliadora (Dora) e, através de Dora, suas 2 irmãs, que também praticaram capoeira: Graça e Paz (Paizinha). Dora me deu apoio no início da construção do trabalho, e, durante, acompanhou o processo em diálogo comigo e através de fotos postadas nas redes sociais, com mulheres que iam sendo entrevistadas. Além disso, encontrou uma das mulheres cujo destino estava de difícil acesso, que era Rita de Cássia (Ritinha).

Em busca de mais protagonistas, consegui o contato de Socorro (Dona Flor), através do Mestre Skysito, que inclusive lembrava de mais mulheres, das que estão aqui no estudo.

Continuando as buscas, cheguei até Heliane (Negona) e Celene (Leninha), com a colaboração do Mestre Dunga, que tinha lembranças de outras mulheres do período da década de 1970. Não foi fácil achar Leninha, mas, com insistência e ajuda do Dunga, foi possível.

Por último, consegui contato com a família de Geralda, através do Mestre Amaral, que me passou o contato do Mestre Labareda, que foi mestre da Geralda. Mestre Amaral também me passou o contato da própria irmã dele, que então me passou o contato da irmã da Geralda, que me encaminhou até a filha da Geralda. Esta, finalmente, me passou o contato do Mestre Mola. Dessa forma, consegui dialogar com Delhany, filha de Geralda, com Mestre Labareda e Mestre Mola, que gentilmente trouxeram lembranças da trajetória da capoeirista Geralda (*in memorian*).

## **5.2 A trajetória das interlocutoras na capoeira**

Nesse momento, passamos à descrição dos resultados relacionados à trajetória de vida das mulheres com relação à prática da capoeira, destacando aspectos que possam tê-las levado à prática, bem como suas trajetórias nesse âmbito. É preciso lembrar que, nesta seção, a compreensão acerca das Histórias de Vida das mulheres está apresentada de forma resumida. Para ter acesso aos relatos de forma fiel e com riqueza de detalhes, é preciso consultar as entrevistas que se encontram disponíveis no APÊNDICE C, anexado ao final do trabalho.

### ***5.2.1 Maria das Graças Gadelha da Cruz (Graça)***

Quando Graça iniciou sua prática de capoeira, as relações interpessoais eram saudáveis e o ambiente era agradável. Não havia preconceito em casa e nem no grupo de amigos do CSU por praticar a capoeira, mas no trabalho existia machismo.

Nesse período, Graça já estudava e trabalhava. Eram meados do ano 1973. Ela estudava na Escola Pax e tinha 16 anos de idade.

Graça conheceu o CSU através de sua irmã, Paz. Viu a capoeira e decidiu ir fazer aulas. Quem ensinava no CSU, nesse período, eram uns 3 rapazes. Os treinos eram simples; por vezes, Graça treinava em praças, ruas e praias com amigos. Eram jovens e cheios de alegria.

Graça, com sua amiga Ritinha, fazia parte do GRE - Grupo Regional de Excursões. Era formado por cerca de 23 adolescentes, um grupo de amigos que eram os mesmos que frequentavam o CSU. Eles se reuniam para fazer viagens nas serras e praias, e, além disso, faziam festas no Centro Comunitário, para arrecadar e conseguir recursos financeiros. Fizeram o I Show de Rock, II Show de Rock e III Show de Rock e Rock Samba.

No período em que Graça treinou, a capoeira não era passada para eles em forma de história. Talvez, na época, se tivessem enveredado pelo caminho dos estudos, a gente iria entender, então, como ela foi para a capoeira

Graça parou de praticar capoeira porque tinha pouco tempo e estudava e trabalhava. Seu período de prática foi cerca de 2 anos; contudo, descobriu seu potencial de exercitar o corpo de forma saudável para sempre.

Segundo Graça, a capoeira é uma aparente dança, mostrando os golpes da luta, através de uma dança. O intuito da capoeira de hoje é apresentar a história dos negros, com características de dança. Se tiver que ser atacado, vai ser atacado; se deixar se abater no golpe, vai se abater no golpe; mas não no intuito de machucar, e sim no intuito de lutar através da dança. Por isso que a capoeira se transformou numa aparente dança, e significa lutar através da dança.

Para Graça, a capoeira foi importante em lhe mostrar a amizade com o sexo oposto. Os rapazes as respeitavam muito e as tratavam como mascotes, irmãs. Sobretudo, naquele período em que praticou a capoeira, percebeu que uma mulher pode andar com 23 homens, viajar e dormir por aí sem ser molestada, enquanto, no trabalho, aos 16 anos, inocente, ela foi molestada muitas vezes por homens velhos e casados, sem o mínimo de respeito.

### **5.2.2 Rita de Cássia Távora Freire (Ritinha)**

Criada por sua avó, Inah Távora de Oliveira, Ritinha é uma dos 10 filhos de Maria Lúcia Távora Freire e Antônio Marques Freire. Morou no bairro São João do Tauape e estudava na Escola Técnica Federal do Ceará.

Estava interessada em praticar natação, e, por esse motivo, Ritinha chegou ao CSU. E foi justamente nesse local onde iniciou seus primeiros passos na capoeira, começando a prática em 1973, aos 15 anos de idade. Antes de conhecer a capoeira, Ritinha treinava judô, no mesmo local.

Quando Ritinha chegou ao CSU, não havia nenhuma menina praticando a capoeira. Contudo, o fato de haver apenas meninos não afetava em nada, e, de forma natural, ela foi conhecendo os meninos. Um deles ela já conhecia: era o Salomão, pois ele era ajudante do professor de judô.

Durante o período em que treinou, de 1973 a 1979, não havia fardamento, cordas, nem instrumentos. Eram treinos em que faziam rodas de capoeira. Ela jogava capoeira em diversos momentos na roda; não havia professor, pois ele havia saído para morar em outro estado. Ele se chamava Zé Renato.

Nos períodos em que Ritinha treinava capoeira, não havia machismo, em sua concepção. Nos momentos de apresentações de Capoeira, as pessoas ficavam admiradas em ver uma mulher (adolescente) jogando Capoeira. Ritinha parou de praticar a capoeira por ter conseguido um trabalho em um escritório; depois casou e foi morar em outro município cearense.

Desde o começo de sua prática com a capoeira, Ritinha foi muito bem acolhida. Foi tratada por todos com muito carinho e respeito; não havia assédio por parte dos participantes naquela época, não havia desentendimentos, eram só momentos de alegria.

Ritinha nos conta que ter feito parte da capoeira foi um dos momentos mais felizes da vida dela, e que se sentia acolhida, parte de uma irmandade. Era uma experiência edificante.

### **5.2.3 Maria Heliane Santos Lopes (Negona)**

Filha de Maria Santos Lopes (doméstica) e Bento Esmerino Lopes (marítimo), Heliane tinha 2 irmãos, todos pilotos de navio. Heliane Negona, como assim era conhecida entre seus amigos da capoeira, estudava no Instituto Presidente Kenedy. Logo após, foi estudar no Instituto São Pedro, que ficava na Monsenhor Tabosa.

Heliane nos conta que, vindo da academia onde treinava karatê, viu a capoeira quando passava pelo CTCAF, entre os anos 1974 ou 1975. O som que se ouvia chamou sua atenção, e então Heliane parou para ver. Assim, conheceu a capoeira. Teve uma curta passagem. Não foi assídua, pois já praticava outra arte marcial, com a qual havia se identificado muito bem. Inclusive, Heliane relata que foi a primeira mulher negra a se graduar no karatê no Ceará.

Em 1979, não praticava mais a capoeira, porém, abriu uma academia onde ela dava aulas de karatê só para mulheres, e disponibilizou horários e sala para seus amigos, como Canário, Dingos, Dunga, Aramim, Querido e Pica-Pau ensinarem a capoeira. Os treinos tinham bons aquecimentos e muito alongamento, e os meninos tinham boa didática.

Heliane lembra-se de Terezinha, moça que, para ela, se destacava na capoeira. Ela também morava nos arredores da Praia de Iracema.

Além do karatê e da capoeira, também havia musculação na academia. Sua academia, Centro Integrado de Ginástica (Academia MARTE), era situada na Rua Dragão do Mar, 382, Praia de Iracema.

Heliane não chegou a se batizar na capoeira. Na época em que teve seu contato com a prática, não havia cordas. Esteve em muitos batizados de capoeira; não recebeu graduação, achava que não era capaz de atingir aquela meta. Diferentemente da outra arte marcial, na qual ela atingiu o auge.

Naquela época, a capoeira era pouco vista como arte marcial. Era marginalizada, de origem escrava, com pessoas que vinham de classe baixa. A sociedade não a via com bons olhos.

Heliane nunca deixou ninguém pisar em cima dela, nunca deixou alguém lhe atropelar. Foi o que lhe deu sustentabilidade como mulher negra, esse ar de superioridade.

Em suas aulas de ginástica, chamada Zumba Strong, Heliane utiliza golpes de capoeira e de outras artes marciais, fazendo um mix das lutas que fizeram parte de suas experiências.

#### ***5.2.4 Claudia Leandro de Souza (Kakau)***

Filha de natalense (sua mãe) e cearense (seu pai), nascida em Natal, Claudia mudou de cidade em sua adolescência, pois seu pai trabalhava na marinha e estava sendo transferido para uma outra cidade. Ele ainda foi antes e depois voltou a Natal, para trazer a família.

Com a mudança de sua família, partindo de Natal-Rio Grande do Norte, para Fortaleza no Ceará, Claudinha chegou em 1975 ou 1976, em solo cearense, e, exatamente na rua em que

veio a morar, ainda rua de terra batida, sem calçamento e asfalto, foi onde viu, pela primeira vez, a capoeira. Era na antiga rua São Paulo (hoje, rua Antônio Justa), cruzamento com a rua Castro Monte, na esquina entre as duas ruas, no bairro Varjota.

A capoeira, na esquina entre essas ruas, ocorria de forma natural, como brincadeira entre amigos. Não havia berimbau e nem outros instrumentos. O som que sentiam vinha das palmas e das vozes.

Não havia também algum tipo de vestimenta. Como costumavam praticar capoeira nas praias, os meninos usavam sungas e ela vestia short e biquíni fio dental. Não era uma menina do padrão que se esperava da época.

Claudinha aprendeu os primeiros passos da capoeira com o Caé, principalmente, e Haroldo (*in memorian*), que eram dois dos rapazes que costumavam estar entre as ruas citadas, a brincar de capoeira. Além da capoeira na rua, Claudinha praticava também nas praças e praias. Sempre que estava entre amigos, aconteciam jogos de capoeira. Ela era a única moça em um grupo de rapazes.

Através do capoeirista Caé, Claudinha foi levada às rodas de capoeira organizadas pelo Sr. Luciano Negão, na casa do ex-governador da época, Virgílio Távora. Claudinha chegou a ir de 2 a 3 vezes para as rodas do Sr. Luciano Negão e lá jogou capoeira.

Claudinha praticou capoeira de forma recreativa, por volta de 1975/1976 a 1979. Neste último ano, ela entrou no CTCAF. Foi quando começou a praticar a capoeira em formato diferente do que praticava nas ruas, praias e encontros informais com amigos. Enquanto era de forma livre, não existia aquecimento; era jogar com amigos como forma de se divertir.

Em sua chegada ao CTCAF, Claudinha conheceu a única menina que treinava capoeira lá: era a Leninha, e, bem depois, chegou uma outra moça, a Julita. Na época, quem ensinava capoeira no CTCAF era o Paulo Sales Neto (hoje, Mestre Paulão).

Dona Carmem, irmã do Caé, tinha muito carinho pela Claudinha e, inclusive, lhe ajudou muito. Foi ela quem falou para Claudinha ir treinar no CTCAF. Além disso, cuidava dela, lavava as roupas da capoeira e, quando podia, dava dinheiro para ela ir treinar, quando Claudinha não tinha.

Quando Claudinha chegou ao CTCAF, viu um outro formato de praticar a capoeira. O aquecimento, por exemplo, e técnicas que ela conheceu através do Paulo Sales Neto (hoje, Mestre Paulão Ceará), e do Reginaldo Silveira Costa (hoje, Mestre Skysito), eram diferentes. Além disso, havia fardamento, mas, ainda assim, ela não seguia o padrão, e seu abadá era calça branca, justinha e até o joelho.

No final de 1979, Claudinha recebeu sua 1ª graduação na capoeira, a corda azul, durante o 1º Batizado de Capoeira que ocorreu em Fortaleza, sendo batizada pelo Reginaldo Silveira Costa (Mestre Skysito). Dando continuidade à prática da capoeira, graduou-se até a corda marrom e branca, a 7ª corda.

Claudinha esteve presente em várias rodas de capoeira que aconteciam na cidade de Fortaleza, tal como: Roda do Sr. Luciano Negão; Palácio da Abolição; DCE; Praça Portugal; e Teatro José de Alencar. Além disso, viajou para Recife, onde participou de uma apresentação de capoeira na TV Universitária, juntamente com Mestre Paulão e alguns rapazes que também treinavam na época.

Naqueles anos, Claudinha sofreu preconceito em casa, por praticar a capoeira. As meninas eram vistas como vulgares, por andarem com muitos meninos, e eles eram vistos como marginais. Nas rodas, era tratada com respeito pelos colegas da capoeira. Na época, não chamava “academia”, mas “escola de capoeira”; e não chamava “mestre”, mas “professor”.

Por alguns desafios pessoais, Claudinha mudou de cidade e foi morar em Recife, tentando esquecer Fortaleza e a capoeira. Sumiu ao ponto de ninguém encontrá-la. A capoeira de Recife tinha muito contato com a capoeira de Fortaleza, através do Mestre Mulatinho, e, por esse motivo, ela não ia às rodas dele, para evitar lembranças de Fortaleza. Contudo, chegou a ir a algumas rodas do Mestre Sapo.

### ***5.2.5 Celene Padilha Caetano Gomes (Leninha)***

Durante toda a infância e juventude, Celene morou na Rua Balchita. Saía de casa e já estava à beira da praia. Inclusive, Leninha nos conta que a prefeitura comprou casas do bairro e fez o Mucuripe Ilhas.

Leninha conheceu a capoeira através de uma roda na orla da praia do Mucuripe. Era por volta de 1976, e, ao primeiro contato, pensou que era uma dança e ficou encantada com o que viu. Pediu informações e perguntou se podia praticar. Recebeu um sim como resposta, de um capoeirista chamado Gurgel.

Leninha praticou a capoeira em locais abertos pelo seu bairro, especialmente à beira-mar, na Praia do Mucuripe, pois era em frente à sua casa. Assim, o acesso era mais fácil e seguro, pois ficava muitas vezes aos olhos de seu pai.

Passando esses anos, Leninha chegou ao CTCAF, em 1979, e ali iniciou os treinos. Não era necessário pagar para treinar. Foi o primeiro local fechado em que ela treinou. Depois

conheceu a UFEC, e, em ambos os locais, o professor era o Paulo Sales Neto (hoje, Mestre Paulão).

Quando Leninha chegou ao CTCAF para iniciar seus treinos de capoeira, eram meados de 1979 e não havia nenhuma menina. Pouco tempo depois, chegou a Claudinha, e, mais tarde, chegou a Julita. Leninha treinava das 17h às 19h. Muitas vezes, ia a pé, e, por vezes, seu professor, Paulo Sales Neto (Mestre Paulão), a ajudava com as passagens de ônibus, fazendo “vaquinhas”.

O fardamento que Leninha usava era calça branca apertada até o joelho e camisa branca. Aprendeu a tocar berimbau, tocava nos treinos e chegou a ganhar um.

Leninha relata que, nos treinos, exercitavam-se com elasticidade, abdominais e borboletas. Ela tinha uma abertura muito boa de pernas, e os colegas a chamavam de menina-elástico. Também recorda que, durante os treinos, era colocada uma cadeira para passar a perna por cima.

Leninha viajou para o interior, em Larvas da Mangabeira, para jogar capoeira com sua turma e professor. Em suas memórias, além dos locais em que treinava, como o CTCAF e UFEC, participou de muitas rodas e apresentações em vários locais de Fortaleza, como a Praça da Abolição, Praça Portugal, Palácio do Governo e Praia do Mucuripe.

Ainda em 1979, Leninha relata que participou do 1º Batizado de Capoeira, que ocorreu no Ceará, em Fortaleza, e recebeu sua primeira graduação na capoeira, o cordão azul. Continuou treinando e chegou até a corda verde e branco, que era a 4ª graduação. Quem a batizou foi o Mestre Mulatinho de Recife-PE, que veio a convite para participar do evento.

Em sua casa, apenas sua mãe não tinha preconceito por Leninha praticar a capoeira. Seu pai tinha, porém, quando viram que era um esporte, que era bom, todos quiseram ir treinar, e, assim, seu pai e sua irmã chegaram a treinar capoeira.

Por volta dos 18 anos de idade, Leninha engravidou e foi morar na Alemanha com sua família, mãe e irmãs, e parou a prática da capoeira. Ficou morando na Alemanha por uns 8 anos. Aos 35 anos, de volta ao Brasil, em Fortaleza, ela participou de rodas e tentou voltar à prática, mas, em uma das rodas, estava jogando com uma menina e se chocaram as pernas de ambas em um golpe, então, Leninha não quis mais.

### **5.2.6 Lúcia Vanda Rodrigues Dias (Mestra Vanda)**

Durante uma apresentação promovida pelo CSU, no Clube Vila União, Vanda (hoje, Mestra Vanda) contemplava a capoeira e, nesse mesmo dia, ela foi informada de que, nas terças e quintas, às 17h, havia aulas no CSU. Como estudava no Colégio Padre João Piamarta, foi com sua amiga Dora ver os treinos.

Quando Vanda chegou ao CSU, havia 2 meninas praticando a capoeira: eram Ritinha e Graça. No tempo, não havia professor. Na época, quem dava aulas lá era o Zé Renato, mas esse havia ido para Salvador por compromissos profissionais. O grupo de participantes da capoeira permaneceu treinando, porém, não havia ninguém à frente.

Aos 12 anos de idade, ao iniciar os treinos no CSU, Vanda passou muito tempo imitando os movimentos que via os rapazes executando. Depois, o Everaldo (hoje, Mestre Ema) passou a lhe ensinar, uma hora antes de começar o seu treinamento. Os treinos eram dinâmicos e diversificados, com ataque e defesa, sequência de Mestre Bimba, entradas e saídas de golpes.

Vanda enfrentou preconceito em casa, por praticar a capoeira. Sua mãe e seu pai chegaram a lhe pedir que escolhesse entre a capoeira e eles.

Houve um momento em que o João (Mestre João Baiano) ficou à frente das aulas de capoeira no CSU. Vanda permaneceu, e, depois de um tempo, ela foi treinar no CTCAF, com Paulo Sales Neto (Mestre Paulão Ceará). Logo após, voltou ao CSU Presidente Médici, e, mais à frente, foi treinar com o Jean Machado (hoje, Mestre Jean).

Em 1980, Vanda recebeu sua 1ª graduação na capoeira, a corda azul. Nesse batizado, era grande a turma que ia receber graduação, então, jogaram entre si. Vanda jogou com um garoto chamado André.

Na capoeira, as cordas chegavam com mais facilidade para os homens. As meninas esperavam mais tempo pelas graduações.

Em 1982, Vanda deu uma pausa na capoeira para ter sua primeira filha. Em 1990, retornou levando sua filha consigo para os treinos. Ainda nesse ano, precisou de outra pausa para ter sua segunda filha, retornando, assim, em 1991, com a nova filha, para os treinos. Por conta dos trabalhos profissionais, parou os treinos em 2005 e conseguiu retornar em 2010.

Aos 16 anos de idade, no período em que detinha a 1ª graduação, Vanda começou a ensinar capoeira na Biblioteca da Vila União. Na turma que treinava, havia meninas praticando a capoeira.

Vanda passou por 12 graduações, em seu total, chegando a receber seu título de Mestre de Capoeira em 2003.

Para Vanda, seus melhores momentos na capoeira foram no início, quando não havia foco em grupos de capoeira, de modo que a bandeira era a prática em si, o desejo de conquistar novos adeptos para ela. Havia momentos divertidos, como quando se reuniam para treinar acrobacias, e riam muito dos tombos engraçados que davam. Um momento triste para Vanda foi quando deixou de trabalhar em prol da capoeira e passou a trabalhar em grupos de Capoeira, individualmente. Os momentos mais marcantes na capoeira e que a Mestre Vanda traz em suas memórias foram o momento do seu batismo e mestria, primeira e última corda, quando foi batizada e quando recebeu o título de Mestre, sendo reconhecida Mestre de Capoeira.

### ***5.2.7 Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz (Dora)***

Dora começou a praticar capoeira aos 14 anos de idade. Antes de ingressar na prática, já conhecia alguns praticantes, pois, no mesmo CSU, ela já era engajada em diversas atividades, como esportes e dança, e sua irmã mais velha (Graça) já fazia parte da turma que treinava. Quando Dora chegou à capoeira do CSU, de meninas, treinavam lá Ritinha, Graça e Vanda.

Segundo Dora, as aulas eram divididas em aquecimento prévio, exercícios e rodas, das quais todos participavam e nas quais cantavam paranauê, entrando na roda ao som do berimbau. Naquele período, não se falava muito ainda nos cordões.

Os treinos aconteciam no Salão Polivalente do CSU, um espaço amplo, onde, além da capoeira, havia aulas de dança moderna, ballet, karatê, judô, exibição de filmes, shows e até festas. Ela fazia dança moderna, primeira atividade que praticou no CSU, mas lá havia muitos cursos e ela fez vários, como: natação, bordado, iniciação musical, flauta, capoeira e dança moderna, com a qual se identificou muito rápido. Nos fim de semanas, funcionava como clube, onde podiam frequentar e tomar banhos na piscina livremente.

Dora se dirigia ao CSU a pé. Para os jovens, na época, não era tão longe. Moravam no bairro Vila União e iam até a Avenida Borges de Melo, onde ficava o CSU Presidente Médici, no qual ela treinava capoeira e outras modalidades. Ainda existiam outros CSUs, espalhados em bairros da cidade de Fortaleza.

Conforme Dora, elas eram vistas como diferentes, pois andavam em grupos e, com muitos meninos, existiam olhares atravessados. Alguns diziam que as meninas iriam ficar com o corpo masculinizado. Dentre os amigos do CSU, contudo, não havia preconceito, mas muito

respeito. O Centro Comunitário era muito especial, e, com isso, tinha diminuição de preconceitos.

Dora ainda relembra que era um período histórico, esse dos anos 1970. Foram anos de autoritarismo no Brasil, de ditadura militar. Então, os que vinham de fora da capoeira questionavam por que ela e as outras meninas não andavam com meninas, só com meninos, por vezes com agressividade, dizendo que essas meninas não eram de bem.

Dora diz que, naquele tempo, o normal de atividades para as meninas era a dança moderna, ballet e a natação, que juntava meninas e meninos, mas a capoeira era novidade na época, para ser praticada por meninas. As que treinavam capoeira já eram diferenciadas, pois essa prática era considerada uma atividade para meninos. Assim, essas meninas que entravam na capoeira estavam quebrando tabus na sociedade da época.

Em 1978 e 1979, foi o momento na vida de Dora em que ela precisou conciliar estudos e as atividades que praticava no CSU, dentre elas, a capoeira, pois ela estava entrando no ensino médio e estava estudando muito. Além disso, permanecia bem engajada na dança moderna, participando de festivais de dança, então interrompendo a prática da capoeira. Dora praticou capoeira por cerca de 2 anos, sempre no CSU.

Para Dora, ter feito parte da capoeira foi importante, pois estava fazendo algo que mulheres pouco faziam. Além disso, ela fazia parte de um grupo de amigos muito bom, de modo que acabou desenvolvendo um grande respeito pela capoeira, sua história e sua importância para a cultura brasileira.

Dora relata que sua amiga Vanda sempre a reaproximava da Capoeira, acompanhando assim diversos momentos da vida de Vanda, tanto diretamente com a Capoeira quanto de forma acadêmica. Tudo isso é significativo para Dora.

### ***5.2.8 Maria Paz Gadelha Cruz (Paizinha)***

Paz é a filha caçula entre 6 irmãos. Desde que iniciou a prática da capoeira, mora no mesmo bairro até os dias de hoje. No período em que praticava a capoeira, estudava na Escola de 1º Grau José Aurélio Câmara.

Paizinha costumava frequentar o CSU e, quase todas as tardes, estava envolvida em atividades de lazer, esporte e cultura. Dessa forma, em 1977/1978, conheceu a capoeira, aos 13 anos de idade, no Centro Comunitário, que, segundo ela, fez parte da vida das crianças e adolescentes do bairro Vila União.

Quando Paizinha chegou ao CSU, estavam lá a praticar a capoeira: Ritinha, Graça e Vanda. Sua irmã Dora havia parado a prática.

Naquele período, Paizinha afirma que era rebelde, para uma mulher, jogar capoeira. Entretanto, tinha aceitação, pois os meninos da capoeira valorizavam muito as mulheres, demonstrando preocupação e respeito, pois, através delas, a capoeira ia ocupando novos espaços.

Para Paizinha, os treinos eram puxados e ocorriam no final de tarde. Em momento de rodas, tinha medo de jogar. Sentia-se um pouco travada. Além do CSU, ela conheceu o CTCAF e fez alguns treinos lá. Esses foram os 2 locais em que Paizinha praticou a capoeira, ambos locais fechados. Não chegou a frequentar rodas em ambientes abertos, como praças e praias; entretanto, por vezes, costumava acompanhar Vanda nos fins de semanas, nas idas a locais abertos.

Paizinha amava o fardamento que usava na capoeira e sabia tocar berimbau. Tinha apreço pelas músicas de capoeira, contando que, ainda hoje, quando escuta o som, sempre fica arrepiada.

Como tinha de estudar para a Escola Técnica, teve que se afastar da capoeira, por conta dos horários da ETFCE. Resolveu, então, praticar atletismo na própria escola.

Com a chegada dos anos 1980, Paizinha já estava na Escola Técnica. Ainda tentou voltar a treinar capoeira, porém, ficou inviável. Sobretudo, sempre que podia, Paizinha ia dar umas “pernadas”. Nessa época, Vanda Lucia e Julita já se destacavam.

Paizinha chegou a ver vários batizados do pessoal do CTCAF, mas já não treinava a capoeira. Ela passou por volta de 2 anos praticando a capoeira, não chegando a se graduar.

Paizinha relata, com um sorriso, que gostava muito de falar que fazia parte do primeiro grupo de mulheres capoeiristas, que sempre foi um orgulho. Para Paizinha, um dos momentos mais marcantes para ela foi ter acompanhado a trajetória da Vanda (Mestra Vanda), dizendo que a 1ª corda dela foi inesquecível.

Ainda por não ter continuado na prática da capoeira, Paizinha afirma que a sua descoberta foi de efervescência, de rebeldia por causas justas, por rupturas de paradigmas. E o período que teve vivenciando a capoeira ajudou a construir uma mentalidade crítica frente às barreiras para as mulheres.

### **5.2.9 Maria do Socorro Moreira (Dona Flor)**

O trajeto de Dona Flor na capoeira, em Fortaleza, iniciou-se em 1978, quando foi convidada por um amigo que ensinava capoeira (hoje, Mestre Ema), no Colégio Júlia Jorge.

Em 1979, foi treinar no DCE, a convite do contramestre Skysito. Na época, como o local de treino era mais perto de sua casa, resolveu fazer essa troca de grupo, mas permanecendo ainda a frequentar o Júlia Jorge aos sábados. Os melhores momentos na capoeira eram em dias de rodas, nas sextas e sábados.

No DCE, os treinos eram intensos. Dona Flor treinava em 2 horários; o primeiro, para os novatos, das 17h às 18h30, e no horário dos mais antigos, das 19h às 21h. Não aprendeu a tocar instrumentos, gostava de treinar quando ia às praias e participava de rodas de ruas. Participava de todos os eventos de capoeira que aconteciam na cidade de Fortaleza, principalmente nas praças públicas.

Dona Flor nos diz que nunca sofreu preconceitos na capoeira. Inclusive, quando ouve relatos atuais de meninas que se sentem discriminadas, fica surpresa; acha que o problema deve estar na postura de quem comanda o grupo, pois, ao contrário, sempre se sentiu muito respeitada pelos meninos que treinavam com ela. Sempre foi tratada como capoeirista, não como uma menina que treinava capoeira. Sempre achou que machismo se combate com postura e competência.

Em 1981, chegou a treinar 3 meses com Mestre Mulatinho, em Recife-PE, de janeiro a março. Ele a viu no DCE treinando e a convidou para incentivar a prática da capoeira entre mulheres, pois, em sua academia, não havia mulheres.

Os momentos mais marcantes nas vivências na capoeira, para Dona Flor, foram as trocas de cordas. Ela foi batizada e chegou a receber 4 graduações. Em sua 1ª corda, jogou com Mestre Skysito, estabelecendo uma amizade de respeito, admiração e carinho que dura há mais de 40 anos.

Treinou regularmente por volta de 10 anos. Passou muitos anos sem treinar, mas, sempre que pode, participa de eventos e rodas de capoeira. Nunca perdeu o contato com a capoeira, sendo convidada para ir a eventos.

Para Dona Flor, a capoeira foi muito importante em sua vida, ajudando na formação de sua personalidade, tornando-a uma mulher destemida, preparando-a para enfrentar a vida com força e dignidade, ensinando-a que a sociedade é formada por mulheres e homens, feitos de carne, osso e sentimentos. O fato de a maioria dos homens serem mais fortes fisicamente a faz

refletir que, se mulheres tivessem consciência de domínio emocional, da sua capacidade de comando, do poder de dominar os homens, o mundo seria um paraíso. Se fica sabendo dos problemas enfrentados por algumas mulheres capoeiristas, reafirma que respeito se conquista com postura e competência; discursos vitimistas não mudam nada.

### ***5.2.10 Geralda Maria Rosa (in memorian)***

Geralda começou seus primeiros passos da capoeira com o Wagner (hoje, Mestre Labareda). Ele nos relata que ela iniciou a prática com ele em junho de 1977, no bairro Maravilha. Quando ela viu a capoeira, dirigiu-se ao Wagner e perguntou se podia treinar, e então ocorreu, assim, sua inserção na prática da capoeira.

Segundo sua filha, Delhany, Geralda começou a prática da capoeira ainda jovem, e tem lembranças de sua mãe a levando para ver a prática.

Os treinos ocorriam em um campinho de futebol. As reuniões aconteciam em baixo de um pé de castanhola, e as rodas eram feitas em frente à casa dele, nos sábados e domingos, e, às vezes, faziam uma no meio da semana. Depois, o Mestre Labareda conseguiu uma escolinha pequena, que serviu bastante para desenvolver o trabalho com a capoeira e cuja sede local ficava no bairro Maravilha.

Foi formado o grupo Coqueiro Maravilha, pelo Mestre Labareda, do qual a Geralda fazia parte. Após essa fase, ela se transferiu para o CSU Presidente Médici, juntamente com Mestre Labareda. Nesse período, quem ensinava lá era o Mestre João Baiano, que já havia formado seu grupo de capoeira, o Palmares. De acordo com Mestre Mola, foi em 1982 que Geralda foi treinar no CSU Presidente Médici.

Foi feito um acordo e ficaram todos treinando no CSU. Por cerca de 6 a 8 anos, Geralda ficou no grupo Palmares. Após esse período, ela saiu do grupo Palmares e foi para o grupo Memórias de Pastinha, do Mestre Jorge Ceará, pois o Wagner (Mestre Labareda), com quem iniciou na capoeira, estava saindo. Ela o acompanhava, pois era sua discípula.

Mais à frente, a Associação Cultural de Capoeira Libertação foi fundada pelo Mestre Labareda. Ela o acompanhou novamente, treinou por muitos anos, teve duas gestações, uma em 1988 e em 2001, mas sempre retornava à prática da capoeira.

Geralda chegou até a graduação de professora. Ensinava capoeira e jogava muito bem; era uma boa jogadora de capoeira, conforme nos informou Mestre Labareda.

Perdemos Geralda durante a pandemia, durante a primeira onda do novo coronavírus, em 20 de abril de 2020, por insuficiência respiratória. Como era início da pandemia aqui em Fortaleza, suspeitaram que foi a Covid-19.

### **5.3 Desdobramentos a partir da inserção na capoeira: as problemáticas do machismo e do preconceito**

Sobre o estudo das 10 mulheres, exceto 1 delas, a Geralda (*in memorian*), foi percebido que, em se tratando de preconceitos relacionados às mulheres pela prática da capoeira, nos anos de 1970, em Fortaleza, dentre as mulheres entrevistadas, 6 relataram haver preconceitos de forma direta ou indireta pela sociedade. Destas, 3 enfrentaram preconceito em casa, como Claudinha Leandro, Leninha e Vanda (Mestra Vanda). Ainda dentre as 9 entrevistadas, 2 alegaram não haver preconceito em casa, na escola ou na capoeira, e 1 alegou não haver preconceito no meio capoeirístico.

Das falas a respeito dos olhares da sociedade sobre as mulheres que se inseriram na capoeira em Fortaleza, na década de 1970, percebemos majoritariamente que o preconceito existia por praticarem a capoeira, por andarem em grupos de amigos, em sua maioria rapazes, o que constituía um desafio para as mulheres da época. Além disso, a prática ainda era mal vista nos anos 1970, pois, elas eram mulheres, então, ocorria preconceito duplo.

Durante a ditadura no Brasil, as mulheres foram o “segmento” que representou mais modificações em relação à sociedade e em diversos setores, “no trabalho, na família, nas relações com os homens e nas questões políticas”. Elas romperam barreiras em variados espaços: “da família, da religião, do mercado de trabalho, da escola, da sociedade em geral, do aparato estatal repressivo e destruidor” (DE ALMEIDA TELES, 2014, p. 3).

Nos ambientes da capoeira, não foi diferente. Elas chegaram e se inseriram em uma atividade, a qual era dominada por homens, e ali se iniciou um novo ciclo social para a capoeira na época, com a inserção das mulheres. Foi nesse período que surgiram as primeiras mulheres a praticar a Capoeira. A própria prática ainda era algo recente em Fortaleza, no estado do Ceará, nos anos 1970.

De acordo com o estudo, 5 das 10 mulheres do grupo pesquisado, quando começaram a praticar capoeira, disseram não haver meninas nos grupos; as outras 5 colaboradoras, quando chegaram aos locais para praticar capoeira, encontraram uma ou duas meninas, o que ainda era pouco, porém, para a época, era uma conquista, pois as meninas estavam rompendo fronteiras.

Se questionarmos por que havia poucas meninas, em este estudo pudemos perceber que essas mulheres encararam desafios que as rodeavam cotidianamente, por estarem inseridas na capoeira, tendo em vista que não era aceitável, em meados de 1970, que houvesse meninas com tais comportamentos, como uma mulher jogando capoeira. E, se era difícil enfrentar a sociedade, imagina ainda ter que encarar a família? Dificuldade em dobro. Elas estiveram dispostas a viver a capoeira, no momento de repressão, e foram impulsionadoras para que outras mulheres também a vivessem na próxima década, a década de 1980.

Uma das entrevistadas enfatiza que, nos anos de 1970, período de ditadura no Brasil, sempre havia maus olhares para elas. A estranheza que causavam para a sociedade, em Fortaleza, por ver mulheres praticando capoeira, era constantemente escrutinada, pois as pessoas não compreendiam o porquê de as meninas estarem em uma atividade predominantemente masculinizada, com alegações de que até os corpos das meninas ficariam similares aos dos homens.

Embora existisse o preconceito social ao verem meninas envolvidas com a capoeira, no CSU da Avenida Borges de Melo passaram 6 das mulheres deste grupo de pesquisa (1 delas Geralda, *in memorian*). Foi possível falar com 5 delas, de modo que ficou claro que o CSU foi um local muito especial para as meninas durante a década de 1970, pois essa instituição ajudava a amenizar os preconceitos da época.

Na década de 1970, em Fortaleza, a prática da capoeira era marginalizada. Assim, as meninas que a exercitavam eram vistas como vulgares, por estarem com muitos meninos, e os meninos em tidos como marginais, segundo uma das entrevistadas.

Mulher jogando capoeira era ato de rebeldia, para a época; era esse o pensamento da sociedade, das pessoas que viam mulheres envolvidas com a capoeira. Se as mulheres eram vistas como rebeldes por praticarem a capoeira, era nítido, ao mesmo tempo, que eram revolucionárias, pois o fizeram com insistência e coragem, mesmo enfrentando discriminação social. Foram corajosas e não se abateram pelos preconceitos relacionados às mulheres ainda na década de 1970, em Fortaleza.

De acordo com os relatos, percebemos que, entre 9 mulheres do grupo pesquisado, 6 disseram não haver machismo nos ambientes da capoeira; 2 disseram que não identificavam preconceitos e 1 afirmou que sempre houve machismo em muitos ambientes.

Dentre as 6, uma disse que, quando as pessoas viam uma menina jogando capoeira, ficavam admiradas, o que nos leva a pensar que essas pessoas se admiravam porque viam uma

mulher em um espaço dominado por homens, de modo que a presença feminina era um enfretamento inconsciente ao machismo, provocando nas pessoas a mesma ideia.

Ainda dentre os estudos, foi levantada a questão de que, no ambiente capoeirístico, havia aceitação para as mulheres. No entanto, o termo “aceitação” nos leva a pensar que as pessoas precisam aceitar ou não. Nesse caso, por que deviam aceitar? A mesma interlocutora relata que os meninos da capoeira as valorizavam e as respeitavam, pois, através delas, a capoeira ia ganhando novos espaços.

Essa fala nos leva a uma importante reflexão, pois, a capoeira era uma modalidade que começava a ser propagada em Fortaleza, nos espaços formais de ensinos, e o intuito era divulgá-la e ganhar novos adeptos. De acordo com Dias (2016), as academias estavam sendo abertas nesse período e havia poucos praticantes de capoeira.

Algumas moças desta pesquisa costumavam frequentar as rodas que havia nas praças de Fortaleza, e, quando alguma menina via outra e se interessava, tratava de perguntar e iniciava a prática da capoeira também. Esses fatos ocorreram principalmente no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, em Fortaleza.

Quando falamos sobre exclusões, percebemos que 5 dentre as 9 entrevistadas não passaram por exclusões nos ambientes da capoeira. Eram bem tratadas e com respeito. 1 delas não lembra e as outras 3 levantam falas onde percebemos possíveis formas de sentir a exclusão.

Dentre as falas sobre haver exclusões, foi levantada a questão por 1 das entrevistadas de que, para as mulheres, as graduações demoravam a chegar, enquanto que, para os homens, chegavam com menor tempo. Pois bem, se ambos praticavam a capoeira, tanto mulheres como homens, qual seria o motivo da demora para graduar as mulheres? Existiam critérios? Como era a decisão dos que ensinavam capoeira para graduar os praticantes? Havia reuniões com eles ou era decisão individual dos responsáveis?

Ainda foi notado, dentre 1 das entrevistadas, o sentir-se travada por entrar na roda. Isso, provavelmente, se daria pelo pensamento do que as pessoas poderiam pensar sobre o empenho da menina na capoeira, ou algum medo, timidez etc. Então, há várias indagações: seria vergonha de quê, ou por quê? São algumas hipóteses do porquê havia travamento ao jogar na roda de capoeira. Será que se esperava um padrão de jogo na capoeira, naquele período?

Se acontecesse algum momento de jogo mais duro na roda, algum rapaz sempre cortava, e, com isso, havia um tipo de exclusão, segundo 1 das entrevistadas. De acordo com a fala, percebe-se que a moça gostaria de ter tido algum momento no jogo da capoeira, com mais luta

mesmo. Pois bem, entre os rapazes, ocorriam jogos mais duros; por que, dentre as meninas, isso não podia acontecer?

Uma outra ideia levantada é a de que, na capoeira, não havia machismo nos grupos entre amigos, porém, nos ambientes de trabalho sim. Essa fala nos faz refletir que o machismo acontece em vários espaços sociais, no entanto, se as mulheres estão inseridas em grupos de amigos, a probabilidade pode ser pequena de ocorrerem comportamentos machistas, ou, se ocorrem, é de maneira inconsciente.

Do grupo de 10 mulheres estudadas, 5 foram graduadas e 5 não foram. Essas últimas encerraram a prática da capoeira antes de dezembro de 1979. Era um tempo em que ainda não havia o ritual do batizado e nem o sistema de cordas no Ceará. Das 5 que continuaram praticando a Capoeira, todas foram graduadas e chegaram à década de 1980 treinando e se destacando em seus ambientes capoeirísticos. Jogavam capoeira em praças, participavam de apresentações e continuaram a prática, avançando nas graduações. 2 delas fizeram viagens para fora do Ceará, representando, assim, as mulheres capoeiristas de nosso estado, Claudinha Leandro e Dona Flor.

A partir de dezembro de 1979, apareceram as primeiras pessoas graduadas na capoeira em Fortaleza, concretizando assim o sistema de cordas implantado na cidade por Reginaldo Silveira Costa (Mestre Skysito).

Por sua vez, as primeiras mulheres a se graduar em capoeira, no Ceará, estavam na cidade de Fortaleza. Foram 5 mulheres, a saber, até o exato momento desta pesquisa: Claudia Leandro (Claudinha); Celene Caetano (Leninha); Socorro Moreira (Dona Flor); Lúcia Vanda (Mestra Vanda) e Geralda Rosa (*in memorian*).

Dentre as 5 praticantes de capoeira, 1 atravessou décadas vivenciando a capoeira, em diferentes fases em que se manifestava em Fortaleza. Trata-se de Mestra Vanda, que carrega em sua trajetória preconceitos e conquistas, e viu de perto as dificuldades de ser uma mulher na capoeira na década de 1970. Hoje, em pleno 2022, sabe como é ser mulher nessa prática capoeirística.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre os olhares da sociedade, as mulheres eram vistas como diferentes para aquele período, pois não se esperava que elas, em plenos anos 1970, ocupassem espaços em locais predominantemente masculinos. De acordo com a pesquisa, foi possível perceber que a maioria das mulheres do grupo pesquisado considera que os rapazes praticantes de capoeira nos locais onde elas eram inseridas tinham um comportamento diferente perante as moças, pois se sentiam respeitadas e bem tratadas.

É preciso contextualizar a sociedade no período em que essas mulheres vivenciaram a capoeira. Com isso, podemos relembrar as questões trabalhistas, as quais, na década de 1970, faziam com que as mulheres não fossem remuneradas como os homens. Apesar de que, nos anos 1970, houve elevada inserção das mulheres no mercado de trabalho, mas que, por outro lado, representada a inserção em trabalhos precários, “marcados pela baixa remuneração e pela falta de proteção social” (BENJAMIN, 2019, p. 4).

Trazer as mulheres para a história da capoeira em Fortaleza é uma tentativa de reparar a exclusão social vivida por elas. Com esta pesquisa, espera-se uma melhor percepção das pessoas que vivenciam a capoeira, tendo em mente que existiram mulheres nessa prática em nossa cidade. Portanto, não é aceitável a fala de que não havia mulheres praticando a capoeira em Fortaleza, na década de 1970.

Esta pesquisa mostra que mulheres se inseriram na capoeira e a vivenciaram em diferentes formatos. 3 das 10 entrevistadas viveram a capoeira ainda de uma maneira que muitos homens não viveram, como no formato recreativo, livre, pois foram poucas as pessoas que vivenciaram esse formato, tendo em vista que era algo novo em Fortaleza. Com o aparecimento dos primeiros espaços formais de ensino, foi que a maioria das pessoas praticaram a capoeira, já em um formato institucionalizado e depois sistematizado.

Nos anos 1970, capoeiristas que vivenciaram a capoeira na orla, em praças e ruas, costumavam executar movimentos e jogos de forma livre, sem preocupações com aquecimento. Quando a prática vai para instituições formais de ensino, ocorrem aquecimento, alongamento, técnicas e rodas de capoeira. Nesse período, passaram por essa prática livre: Claudinha, Leninha e Geralda; as demais entrevistadas iniciaram sua prática em formato institucional, porém, ainda não tão sistemática. No final dos anos 1970, precisamente em 1979, foi que a Capoeira começou a tomar mais forma, se tornando mais organizada e também ganhando mídia.

Apesar de a maioria das mulheres desta pesquisa não ter sofrido preconceito nos locais onde treinavam capoeira, na sociedade em si, na década de 1970, havia preconceito e era estranho, para as pessoas da época, ver meninas andando com muitos meninos e treinando capoeira, como relata majoritariamente o grupo pesquisado.

Eram anos de 1970, em Fortaleza. Havia rodas e apresentações de capoeira em praças e à beira-mar, nas orlas das praias do Mucuripe e Náutico. Esses locais tinham representação feminina, pois mulheres jogavam capoeira lá.

A presente pesquisa trouxe nomes de 10 mulheres que se inseriram na capoeira, em Fortaleza, na década de 1970, enfrentando desafios para encontrá-las. Mesmo com alguns silenciamentos, as tentativas foram incansáveis até que chegássemos a essas mulheres, e não ter desistido valeu a pena. Cada uma das mulheres que era encontrada representava uma conquista.

Considera-se que houve/há outras meninas que se inseriram na capoeira na década 1970, em Fortaleza, pois, oralmente, escuta-se, em ambientes capoeirísticos e por poucas pessoas, que havia mais mulheres. Porém, muitas memórias foram apagadas, algumas pessoas faleceram e ainda existe a dificuldade de algumas pessoas não passarem informações, pois, alguns preferem silenciar, dificultando que seja contada a história da capoeira em Fortaleza.

Para as pessoas que se preocupam com nossa história e que desejam ver a capoeira do Ceará em avanços, essas contribuíram e fizeram questão de contar as histórias que sabiam, pois, conseguem ver a importância de repassar informações e colaborar para que as histórias sejam contadas, registradas e não mais apagadas.

A indagação tida antes desta investigação era incômoda, pois não se sabia sobre a história das mulheres que tiveram uma trajetória anterior, em Fortaleza, como as mulheres da década de 1980, que, inclusive, ainda são desconhecidas por muitos. Para isso, é ainda necessária uma nova pesquisa.

Adicionalmente, capoeiristas que transitam ativamente em ambientes da capoeira, em Fortaleza e região metropolitana, conhecem essas mulheres da década de 1980 até hoje (não todas, mas as que permanecem, as que atuam em trabalhos com a capoeira ou as que são ativas de alguma forma). E, em especial, os mais antigos conhecem algumas mulheres que tiveram vivências na capoeira na década de 1970, em nossa cidade.

O achado dessas mulheres da década de 1970 supriu uma falta e trouxe algum conforto do conhecimento das sementes deixadas, cujo fruto foi enraizando de acordo com o tempo, quando cada mulher era inserida na capoeira, quando cada uma criava vínculos e ia avançando,

quando cada uma resistia e caminhava em crescimento. Assim, regava-se essa trajetória das mulheres na capoeira de Fortaleza, ramificando, fortalecendo e gerando frutos. E essas 10 sementes deixam agora registrados, na história da capoeira de Fortaleza, Ceará, seus nomes.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE, E. T. **Vem Jogar, Mulher: Uma Análise Sobre a Participação Feminina Na Capoeira**. 2016. 64 f. Monografia (Especialização) – Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Unilab, Redenção-CE, 2016.

ARRAES, J. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. Rio de Janeiro: Editora Seguinte, 2020.

BELTRÃO, M. **Capoeira em cena: entre navalhas e memórias**. Olinda, PE: Nova Presença, 2020.

BELTRÃO, M. **Das mulheres valentes, desordeiras e capoeiras**. 1. ed. Campina Grande: Plural, 2021.

BENJAMIN, M. dos S. **Fim da invisibilidade? Uma análise da evolução da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Universidade Federal de São Paulo Osasco, 2019.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal, o Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brazil. 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Palácio do Planalto, 1941.

CAETANO, J. O.; CASTRO, H. C. Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 14, n. 27, p. 153-179, 2020.

CARDOSO, A. C. *et al.* **Narrativas Negras: Biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras**. Curitiba: Belo Horizonte: Editora Voo, 2021.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus Editora, 1988.

COSTA, R. da S. **História da capoeira do Ceará: parte 03**. YouTube, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/y5MbsU5ftKo>> Acesso em: 10 fev. 2022.

CERQUEIRO, M. S. **Do passado ao presente: personalidades femininas no mundo da capoeira. Mulher na Capoeira, Produções de saberes, identidade e representatividade.** Curitiba: Dialética e Realidade, 2022.

CRESWELL, J. W. *Abordagens de métodos qualitativos, quantitativos e mistos.* 2014.

DE ALMEIDA TELES, M. A. O protagonismo de mulheres na luta contra a ditadura militar. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 2, n. 1, p. 9-18, 2014.

DE MOURA, J. F.; NACARATO, A. M. A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 24, n. 1, p. 15-30, 2017.

DIAS, A. A. Marias Felipas: história, experiências e estratégias de enfrentamento ao sexismo e à violência contra mulheres na capoeira. *In: XX REDOR. ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO.* 2018, Salvador. **Anais [...].** Salvador: UFBA, 2018. Disponível em: <<https://www.sinteseeventos.com/site/redor/G13/GT13-07-Adriana.pdf>> Acesso em: 06 set. 2021.

DIAS, L. V. R. **Se é de paz, pode chegar, entrar na roda e jogar:** formação de educadores da Associação Zumbi Capoeira em cultura de paz. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

FERREIRA NETO, J. O. Mestre Zé Renato: narrativas de vida na capoeira. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURAS.* 2014, Fortaleza. **Anais [...].** Fortaleza: UECE, 2014. Disponível em : [http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/edicoes\\_anteriores.html](http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/edicoes_anteriores.html) Acesso em: 09 fev. 2022.

FOLTRAN, P. J. “Capoeira é pra homem, menino e mulher”: angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. **Sankofa**, São Paulo, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 83-106, 2017.

GILL, S.; GOODSON, I. Métodos de história de vida e narrativa. **Teoria e métodos de pesquisa social.** Petrópolis: Vozes, 2015.

JOMALINIS, E. **Mural Memória das Mulheres Negras.** 2015. Disponível em: <[http://biblioteca.pacs.org.br/wp-content/uploads/2016/12/PUB\\_PACS\\_2015\\_011.pdf](http://biblioteca.pacs.org.br/wp-content/uploads/2016/12/PUB_PACS_2015_011.pdf)> Acesso em: 26 nov. 2021.

JORNAL A CONSTITUIÇÃO. 89. ed. Fortaleza, 24 de junho de 1888. p.2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/235334/per235334\\_1888\\_00089.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/235334/per235334_1888_00089.pdf)> Acesso em: 30 jul. 2021. 00:46.

JORNAL O CEARENSE. 00280. ed. 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&pasta=ano%20186&pesq=mussu&pagfis=9104>> Acesso em: 30 jul. 2021.

LUSSAC, R. M. P. A cultura material da Capoeira no Rio de Janeiro no primeiro quartel do século XIX: uma análise a partir da litografia jogar capoeira ou danse de la guerre, de rugendas. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 10, n. 1, 2013.

MATTOS, M. G. de; ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia em Educação Física**: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento-pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MUYLAERT, C. J. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

NASCIMENTO, R. C. Políticas e performances: um estudo de caso sobre o processo de patrimonialização da capoeira do Ceará. **ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 4, n. 7, p. 65 a 82-65 a 82, 2017.

OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

PERES, E. A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos “sem arquivos”. **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 1, p. 149-166, fev. 2020.

RAIMUNDO, V. J. Resistência: o caminho para o enfrentamento às diversas formas de violência que impactam a vida das mulheres negras. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, v. 243, p. 75-90, 2018.

REGO, W. **Capoeira**: volta ao mundo. Salvador: Editora Itapoan, 1968.

SALES NETO, P. **O que vivi e vivi na capoeira!** Fortaleza: Gráfica LCR, 2021.

SILVA, S. C.; VASCONCELOS, J. G.; FIALHO, L. M. F. **A capoeira no Ceará**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

SILVA, S. C. **Campo de saberes da capoeira cearense**: um estudo sobre o centro cultural Capoeira Água de Beber. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SOARES, C. E. L. 1998 A Capoeiragem Baiana na Corte Imperial (1863 - 1890). **Afro-Asia**, v. 21, n. 22, p. 147-176, 1998-1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20966/13569>> Acesso em: 30 jul. 2021.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes Europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2017.

SOUZA, E. F. A “carta” da escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira. In: ABRALIC. 2015, Teresina. **Anais** [...]. Teresina: UESPI, 2015. Disponível em: <[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1455937376.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455937376.pdf)> Acesso em: 09 set. 2021.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

### Dados pessoais

1. Nome completo?
2. Data de nascimento?
3. Naturalidade?
4. Como chegou a Fortaleza?
5. Componentes da família: tinha irmãos, nomes?
6. Local em que morava, bairro?
7. Escola ou colégio em que estudava?

### Inserção na capoeira

8. Primeira vez que viu capoeira?
9. Como você chegou até o local de treino? Pediu alguém para te levar ou alguém te chamou?
10. Ano em que começou a praticar capoeira?
11. Quantos anos tinha?
12. Local em que começou a treinar?
13. Nomes de colegas que praticavam?
14. Quem a ensinava, quem era o professor? Passou por outros professores?
15. Havia meninas onde você treinava? Se sim, nomes?

### Desenvolvimento na capoeira

16. Chegou a pegar corda, participou de batizado? Se sim, em que ano?
17. Lembra quem a batizou?
18. Quantas cordas você pegou?
19. Como era a relação entre você e o professor?
20. Passou quanto tempo na capoeira?
21. Deixou de treinar com quantos anos?
22. Como eram os treinos?
23. Em algum momento você deu uma parada e retornou à capoeira? Se sim, identifique todos os períodos, com datas em que parou e voltou.
24. Por que você encerrou seu contato com a capoeira?

25. Fardamento, instrumento, roda. Tocava instrumentos, jogava em qualquer momento da roda?

26. Treinava em praias, praças, ruas?

27. Ia a outras rodas, outros locais em que tinha capoeira? Se sim, quais?

28. Exibições, apresentações? Se sim, datas, local e pessoas que estavam presentes.

#### Reprodução do que aprendeu

29. Ensinou capoeira a alguém?

30. Primeiro local em que começou a dar aula de capoeira?

31. Tinha quantos anos, em que ano, que corda era?

32. Nomes de alunos? Havia meninas?

#### Problemáticas

33. Havia preconceito em casa, na escola ou na própria capoeira?

34. Houve alguns momentos de desentendimento de que você se lembra nos ambientes da capoeira?

35. Sobre bebida e drogas, havia no meio da capoeira ou no bairro em que morava?

36. Houve algum momento na capoeira em que você se sentiu excluída de alguma coisa?

#### Opiniões subjetivas

37. Que pessoas você mais gostava de ver jogando capoeira?

38. Naquele tempo, você identificava algum tipo de machismo? Se sim, especificar.

39. Havia algum incômodo com alguma música?

40. Melhores momentos na capoeira?

41. Houve algum momento triste? Se sim, conte-nos.

42. Momentos engraçados, divertidos?

43. Momentos mais marcantes para você?

#### Considerações finais

44. Gostaria de falar algo que não perguntei, contar alguma história?